



Universidade Autónoma de Lisboa | Departamento de Arquitectura

Dissertação de Mestrado em Arquitectura

PERCURSO | ARQUEOLOGIA | DEFINIÇÃO DE UM LUGAR

Orientadores: Arqt.^a Inês Lobo | Prof. Doutor Joaquim Moreno

Mestrando: Adriana Ferreira Morgado

Lisboa, Novembro 2016

Texto segundo o acordo ortográfico de 1990

OBRIGADA

aos meus queridos PAIS que são um exemplo de vida.

aos meus amigos do coração CLARA.DIOGO.MAGALHÃES, para vocês tudo é pouco.

ao SÉTIMO por ser sempre o primeiro.

ao meu IRMÃO por ser único.

a todos os AMIGOS e FAMILIARES por todos os momentos de força.

Daniel.

PT. A região de Alcácer do Sal apresenta um património histórico bastante rico em que estão presentes vestígios arqueológicos da civilização fenícia, romana e árabe. O que se pretende com este projecto é criar um programa cultural que atravesse o concelho de Alcácer do Sal e resulte num percurso junto à linha do rio Sado e que passe por vários sítios arqueológicos que sublinhem os vestígios históricos deixados pelos antepassados. O percurso pedonal terá aproximadamente 30km e servirá para reinterpretar sítios arqueológicos, dar-lhes um novo significado e criar zonas de descanso. Terá o seu início na Feitoria Fenícia de Abul e passará pelas paisagens do concelho, entrando na cidade de Alcácer do Sal onde o Castelo se revela o ponto mais importante a visitar, terminando na Vila Romana de Santa Catarina de Sítimos.

Os Romanos, com a sua engenharia altamente desenvolvida e uma arquitectura sofisticada, construíram nesta vila, como noutros lugares, balneários que faziam parte

do aparato de uma civilização que procurava expandir-se a todo o vasto império. Estes podem também ser vistos como uma manifestação de uma cultura na qual o prazer, aliado a saúde do corpo e da mente, tinha pleno direito de cidadania.

Em Santa Catarina do Sítimos foram encontrados vestígios arqueológicos que revelam a presença de uma piscina Romana, o que, sendo o indício da importância das águas presentes neste território, revela que faz também sentido implantar neste lugar um programa de banhos termais.

-

Palavras Chaves: Património . Percurso . Água . Banhos

EN. The region of Alcácer do Sal has a very rich historical heritage and it is still possible to find In this regions archaeological remains from the Phoenician, Roman and Arab civilizations. In this project, we aim to create a cultural program that passes through the municipality and consists in a path along the line of River Sado and several sites with ancient monuments. The pedestrian route will be about 30 km and will help its visitors to reinterpret these sites by giving them a new meaning. This route will begin in the Phoenician Feitoria Abul and continuing through the country landscapes will enter the city, where the castle is one of the most important buildings to contemplate. Its end will be in the Roman Villa of Santa Catarina de Sítimos. The Romans built this village with their highly developed engineering and sophisticated architecture and erected bathhouses that were typical of these civilization. These buildings can also be seen as a manifestation of a culture in which pleasure and bodily and spiritual health had and

important place.

Some archeological remains that reveal the presence of a Roman pool were found in Santa Catarina de Sítimos and that shows the importance of the waters in this region. Because of this, it makes sense to build in this place a thermal baths program.

Key words: Heritage . Route . Water . Baths

AGRADECIMENTOS

006 RESUMO . ABSTRACT

010 ÍNDICE DE IMAGENS

016 ÍNDICE DE ESQUEMAS . PLANTAS

019 INTRODUÇÃO

025 PERCEPCÇÃO DA PAISAGEM

026 Território

028 A Paisagem: Água . Arrozaís . Património

052 SISTEMA

046 Caminhar

054 Memória Colectiva

058 FEITORIA FENÍCIA

066 Ocupação Fenícia . Romana

074 Elemento Gerador

080 ALCÁCER DO SAL

088 Ocupação Romana . Muçulmana . Medieval

100 Pontos notáveis

104 Vestígios Arqueológicos

106 SANTA CATARINA DE SÍTIMOS

114 Lugar

116 Ocupação Romana . sec. I a.C - V d.C

150 Água . Banhos

136 Mãe de Água

152 Banhos Salacia

183 CONCLUSÃO

185 BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE DE IMAGENS

023 fig.01. The Lovers . The Great Wall of China . Marina Abramovic and Ulay . Março-Junho,1988 . http://www.tropismi.it/marina-con-ulya/?doing_wp_cron=1452611806.8633000850677490234375

029 fig.02. Ortomapa Arrozaís . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

029 fig.03. Ortomapa Pinhal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

029 fig.04. Ortomapa Pinhal . Canal . Arrozaís . Rio Sado . Arrozaís . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

029 fig.05. Ponte Viária . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015

029 fig.06. Ponte Ferroviária e IC1 . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

029 fig.07. Ponte Ferroviária . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 16 Outubro 2014

029 fig.08. Arrozaís . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

029 fig.09. Canal de Rega . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015

029 fig.10. Cidade de Alcácer do Sal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 16 Outubro 2014

035 fig.11. Arrozaís na Cidade de Alcácer do Sal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 02 Outubro 2014

039 fig.12. Concheiro . Arapouco . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

039 fig.13. Feitoria Fenícia de Abul . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

039 fig.14. Monte da Tumba . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69701>

039 fig.15. Forum Romano de Salacia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

039 fig.16. Banhos de Santa Catarina de Sítimos . Concelho de Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

039 fig.17. Ermida de S.João dos Azinhais . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72002/>

039 fig.18. Calçada Romana . Concelho de Alcácer do Sal . http://pedrasehistoria.blogspot.pt/2015_02_01_archive.html

0039 fig.20. Castelo de Al-Qasr . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015

041 fig.21. Igreja de Santa Maria do Castelo . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 02 Outubro 2014

041 fig.22. Santuário do senhor dos Mártires . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 02 Outubro 2014

041 fig.23. Igreja Matriz do Torrão . Concelho de Alcácer do Sal . https://www.google.pt/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwj_9qnHh-rPAhWItxoKH-QimAvMQjhwIBQ&url=http%3A%2F%2Fwww.patrimoniocultural.pt%2Fen%2Fpatrimonio%2Fpatrimonio-imovel%2Fpesquisa-do-patrimonio%2Fclassificado-ou-em-vias-de-classificacao%2Fgeral%2Fview%2F73703&bvm=bv.136499718,d.ZGg&psig=AFQjCN-F0kcmGja64srUmLO3iELRCVm6YIA&ust=1477076126786450

041 fig.24. Ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.raulbrancofotos.com/2015/03/torrao.html>

041 fig.25. Igreja do Convento de Santo António . Igreja das Onze Mil Virgens . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 02 Outubro 2014

041 fig.26. Igreja da Misericórdia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 02 Outubro 2014

041 fig.27. Igreja e Convento de S. Francisco . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=pt-pt/node/149>

041 fig.28. Igreja do Espírito Santo . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

041 fig.29. Igreja da Nossa Senhora do Graça . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=en/node/139>

043 fig.30. Igreja da Nossa Senhora do Monte . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=en/node/137>

043 fig.31. Cais Palafítico . Concelho de Alcácer do Sal . <http://amateriadotempo.blogspot.pt/2010/08/carrasqueira-alcacer-do-sal.html>

043 fig.32. Cabanas de Colmo . Concelho de Alcácer do Sal . <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/turismo/tradicoes-e-produutos/artesanato/>

049 fig.33. Jardim Gulbenkian . Arq. Gonçalo Ribeiro Telles . Lisboa . http://www.archdaily.com.br/br/01-8875/classicos-da-arquitetura-fundacao-calouste-gulbenkian-ruy-jervis-dathouguia-pedro-cid-e-alberto-pessoa/8875_8881

049 fig.34. Jardim Gulbenkian . Arq. Gonçalo Ribeiro Telles . Lisboa . <http://olharescruzados.blogs.sapo.pt/11266.html>

049 fig.35. Auditório Gulbenkian . Arq. Gonçalo Ribeiro Telles . Lisboa . <https://gulbenkian.pt/fundacao/auditorios/grande-auditorio/>

049 fig.36. Richard Long . Walking the Line

049 fig.37. Musealização Castelo S.Jorge Arqueologia . Arq. Carrilho da Graça . Lisboa . http://jlcg.pt/work_events

049 fig.38. Richard Long . Walking the Line

049 fig.39. Musealização Castelo S.Jorge Arqueologia . Arq. Carrilho da Graça . Lisboa . http://jlcg.pt/work_events

051 fig.40. Dimitris Pikionis . Caminho à Acropole . <http://www.erietaattali.com/architectural-photography/dimitris-pikionis/landscaping-of-the-acropolis-surrounding-area-athens/>

051 fig.41. Dimitris Pikionis . Caminho à Acropole . <http://www.erietaattali.com/architectural-photography/dimitris-pikionis/landscaping-of-the-acropolis-surrounding-area-athens/>

053 fig.42. Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015

053 fig.43. Alcácer do Sal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

053 fig.44. Santa Catarina de Sítimos . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

059 fig.45. Feitoria Fenícia de Abul . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014

064 fig.46. Vista Aérea . Feitoria Fenícia . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

069 fig.47. Vista aérea Complexo Habitacional e do Santuário . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

069 fig.48. Vista aérea Santuário . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

069 fig.49. Vista aérea Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

069 fig.50. Vista geral Complexo Habitacional a partir de Sul . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

069 fig.51. Vista de Sudoeste Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

069 fig.52. Paisagem envolvente . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

069 fig.53. Vista de Noroeste . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado

079 fig.54. Canal de Rega . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.55. Pormenor Cais de Acostagem . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.56. Paisagem envolvente Cais de Acostagem. Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.57. Paisagem envolvente . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.58. Construções Existentes . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.59. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Santuário . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.60. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.61. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

079 fig.62. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

081 fig.63. Cidade de Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

086 fig.64. Vista Aérea . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.65. Vestígios Arqueológicos . Cripta . Alcácer do Sal . <http://www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio/museus/cripta-arqueologica-do-castelo/>

103 fig.66. Vestígios Arqueológicos . Forum . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.67. Vestígios Arqueológicos . Zona Habitacional . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.68. Largo dos Açougues . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.69. Calçada da Fonte Nova . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.70. Rua das Douradas . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.71. Rua Marquês de Pombal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.72. Largo Campo Valdez . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

103 fig.73. Igreja de Santiago . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

107 fig.74. Santa Catarina de Sítimos . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

112 fig.75. Vista Aérea . Santa Catarina de Sítimos . Adriana Morgado

115 fig.76. Pórtico do Palácio de Comares Reflectido na Água . Alhambra

117 fig.77. Bebedouro . Alhambra . L'Alhambra et Le Generalife

117 fig.78. Patio del Mexuar . Alhambra . L'Alhambra et Le Generalife

117 fig.79. Corrimão Escavado . Alhambra . L'Alhambra et Le Generalife

117 fig.80. Pormenor Fonte no Generalife . Alhambra . L'Alhambra et Le Generalife

117 fig.81. Pormenor Fonte no Generalife . Alhambra . L'Alhambra et Le Generalife

117 fig.82. Pormenor Fonte no Generalife . Alhambra . L'Alhambra et Le Generalife

119 fig.83. Parque das Termas de Carvalhelhos . Caldas Santas de Carvalhelhos . Beça . Termas Portuguesas

119 fig.84. Piscina Interior . Caldas da Rainha . Termas Portuguesas

119 fig.85. Tratamento com lamas Termais . Termas do Vale dos Cucos . Torres Vedras . Termas portuguesas

121 fig.86. Banho de Imersão . Termas das Furnas . Açores . Termas portuguesas

121 fig.87. Vista do Parque . Termas São Pedro do Sul . Viseu . Termas portuguesas

121 fig.88. Tratamento de Hidroterapia . Termas do Luso . Várzea . Termas portuguesas

121 fig.89. Piscina Exterior . Termas das Furnas . Açores . Termas portuguesas

121 fig.90. Tratamento no duche . Termas do Luso . Várzea . Termas portuguesas

122 fig.91. Esboço . Termas de Vals . Arq. Peter Zumthor . Suíça . http://etsavega.net/dibex/Zumthor_partituras.htm

123 fig.92. Vista Interior . Termas de Vals . Arq. Peter Zumthor . Suíça . http://etsavega.net/dibex/Zumthor_partituras.htm

123 fig.93. Piscina Exterior . Termas de Vals . Arq. Peter Zumthor . Suíça . http://etsavega.net/dibex/Zumthor_partituras.htm

125 fig.94. Vista Aérea . Santa Catarina de Sítimos . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016

132 fig.95. Zona de Mata . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

132 fig.96. Arrozaís . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

132 fig.97. Vestígios Arqueológicos . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.98. Canal de Água. Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.99. Vista da Rua do Comércio . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.100. Vista da Rua do Comércio . Santa Catarina de

Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.101. Largo . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.102. Largo Igreja . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.103. Igreja . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.104. Largo da Creche . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.105. Vestígios Arqueológicos . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

133 fig.106. Rua da Creche . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

135 fig.107. Vista Interior . Reservatório Mãe de Água . Jardim das Amoreiras . Lisboa . <http://www.ipernity.com/doc/xata/39118752>

135 fig.108. Vista Interior . Reservatório Mãe de Água . Jardim das Amoreiras . Lisboa . <http://www.ipernity.com/doc/xata/39118752>

135 fig.109. Vista Interior . Reservatório da Patriarcal . Jardim do Príncipe Real . Lisboa . <http://www.cm-lisboa.pt/equipa->

mentos/equipamento/info/museu-da-agua-reservatorio-da-patriarcal

135 fig.110. Pormenor . Reservatório da Patriarcal . Jardim do Príncipe Real . Lisboa . <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/museu-da-agua-reservatorio-da-patriarcal>

150 fig.111. Piscina . Palacio Topkapi . Instambul . Turquia . Now I Lay Me Down to Eat

150 fig.112. Banho com Vista para o mar . Atami . Japão . Now I Lay Me Down to Eat

150 fig.113. Banho com Turbantes . Now I Lay Me Down to Eat

151 fig.114. Banquete em 1740 . Now I Lay Me Down to Eat

151 fig.115. Desenho de Banho de Mulheres . 1496 . Mechanization Takes Command

151 fig.116. Banho de Vapores Russo . Mechanization Takes Command

167 fig.117. Banhos Exteriores . Temperatura Média da Água 36°C|39°C . Temperatura Média Exterior: Janeiro: -3°C - Agosto: 10°C . Lagoa Azul . Islândia . <http://www.bluelagoon.com/gallery/>

180 fig.118. Betão Branco . Proposta

180 fig.119. Abóbada Banho Exterior . Folha de Prata . Proposta

180 fig.120. Abóbada Banho Interior . Folha de Ouro . Proposta

180 fig.121. Banho Primavera . Pastilha Begonia . Proposta . <http://www.bisazza.it/en-us/products/mosaico/shading-blends/shading-blends-20/begonia>

180 fig.122. Banho Verão . Pastilha Peonia . Proposta . <http://www.bisazza.it/en-us/products/mosaico/shading-blends/shading-blends-20/peonia>

180 fig.123. Banho Inverno . Stella Alpina . Proposta . <http://www.bisazza.it/en-us/products/mosaico/shading-blends/shading-blends-20/stella-alpina>

ÍNDICE DE ESQUEMAS . PLANTAS

027	PERCEPÇÃO DA PAISAGEM Esquema de Portugal . ESCALA . 1 : 2 500 000
030	Planta Altimetria e Batimetria com Zonas de Inter- venção . ESCALA . 1 : 60000
036	Planta Rede Hidrográfica do Estuário do Sado . ESCALA . 1 : 60000
044	Planta Património Concelho de Alcácer do Sado . ESCA- LA . 1 : 60000
057	CAMINHAR Sistema Proposta Geral . Território . ESCALA . 1 : 60000
062	FEITORIA FENÍCIA Esquema Geral . Feitoria Fenícia
071	Planta de Localização Feitoria Fenícia . ESCALA . 1 : 6000
073	Planta Proposta Feitoria Fenícia de Abul . ESCALA . 1 : 1000
074	Esquema Construção Complexo Habitacional da Feito- ria Fenícia de Abul . Início séc. VII a.C ESCALA . 1 : 500
074	Esquema Construção Complexo Habitacional da Feito- ria Fenícia de Abul . Segunda Metade séc. VII a.C . ESCALA . 1 : 500

075	Esquema Construção Santuário de Abul da Feitoria Fenícia de Abul . Final séc. VI a.C . ESCALA . 1 : 500
075	Esquema Construção Santuário de Abul da Feitoria Fenícia de Abul . Início séc. V a.C . ESCALA . 1 : 500
076	Corte Proposta Feitoria Fenícia de Abul . ESCALA . 1 : 300
084	ALCÁCER DO SAL Esquema Geral . Alcácer do Sal
089	Esquema de Portugal na Época Romana . ESCALA . 1 : 2 500 000
090	Esquema Percurso Terrestre e Fluvial no Império Roma- no
091	Esquema Estrutura Urbana do Império Romano . Sala- cia . ESCALA . 1 : 4000
093	Esquema de Portugal na Época Muçulmana . ESCALA . 1 : 2 500 000
094	Esquema Estrutura Urbana do Período Islâmico . al-Qa- sr . Séc. X-XII . ESCALA . 1 : 4000
095	Esquema Estrutura Urbana do Período Islâmico .

	al-Qasr . Séc. XII-XIII . ESCALA . 1 : 4000
097	Esquema Estrutura Urbana do Período Medieval . Séc. XIII-XVI . ESCALA . 1 : 4000
099	Planta de Localização Alcácer do Sal . ESCALA . 1 : 6000
100	Planta de Implantação Alcácer do Sal . ESCALA . 1 : 1000
104	Corte Proposta Alcácer do Sal . ESCALA . 1 : 300
110	SANTA CATARINA DE SÍTIMOS Esquema Geral . Santa Catarina de Sítimos
127	Planta Proposta Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 1000
130	Corte aa' Proposta Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 500
130	Corte bb' Proposta Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 500
137	Planta de Cobertura . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 300

138	Planta Cota 16M . Mãe de Água . Santa Catarina de Síti- mos . ESCALA . 1 : 300
139	Planta Cota 10M . Mãe de Água . Santa Catarina de Síti- mos . ESCALA . 1 : 300
140	Corte Longitudinal aa' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 150
142	Corte Longitudinal bb' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 150
144	Corte Longitudinal cc' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 150
146	Corte Longitudinal dd' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 150
149	Corte Transversal ee' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 150
153	Organograma Banhos de Salacia . Espaços . Circulações
155	Planta de Cobertura . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 300
157	Planta Cota 17.00m . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 300
159	Planta Cota 13.00m . Santa Catarina de Sítimos

	ESCALA . 1 : 300
161	Planta Cota 09.60m . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 300
162	Corte Longitudinal aa' . Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 150
164	Corte Longitudinal bb' . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 150
168	Corte Longitudinal cc' . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 150
171	Corte Transversal dd' . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 150
173	Corte Transversal ee' . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 150
175	Corte Transversal ff' . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 150
177	Alçado Norte . Rua da Creche . Santa Catarina de Síti- mos ESCALA . 1 : 300
177	Alçado Sul . Perpendicular 1º de Maio . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 300

178	Alçado Este . Rua 1º de Maio . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 300
178	Alçado Oeste . Campo Arqueológico . Santa Catarina de Sítimos ESCALA . 1 : 300
181	Corte Longitudinal ee' . Sistema Construtivo . Santa Ca- tarina de Sítimos ESCALA . 1 : 100

O objectivo do presente trabalho é o de apresentar um projecto de reactivação do património histórico existente na cidade portuguesa de Alcácer do Sal. Contendo vestígios da época dos fenícios e dos romanos, como também da ocupação árabe e de outros momentos importantes da história de Portugal, o conselho de Alcácer do Sal engloba também uma pequena vila que dá pelo nome de Santa Catarina de Sítimos e que se situa a poucos quilómetros da principal cidade do município. Trata-se de uma localidade que deveu o seu crescimento à sua localização propícia, próxima dos terrenos férteis das margens do rio Sado. Não obstante, nos dias de hoje, esta cidade encontra-se quase desabitada, sendo a maior parte da sua população idosos com idade superior a 65 anos. O fenómeno do êxodo rural, comum a tantas aldeias e pequenas localidades portuguesas, afectou também esta região próxima de Alcácer do Sal.

No entanto, as suas habitações, que se encontram ainda

em bom estado, e o património histórico que faz parte da vila (nos quais se incluem vestígios de construções da época dos romanos), é razão suficiente para que se olhe para a localidade como o possível alvo de um projecto de reactivação de património. Se lembrarmos que outras localidades próximas de Santa Catarina de Sítimos possuem também um património histórico importante e por vezes esquecido, este projecto de revitalização do património torna-se ainda mais pertinente.

O principal objectivo do projecto que aqui será apresentado é o de unir diversos vestígios históricos que se encontrem presentes no conselho de Alcácer do Sal através de um percurso pedonal que reafirme a coerência, unidade e importância do património deste município. Analisando a riqueza histórica da região, é possível concluir que os monumentos que devem ser abrangidos por este percurso são a Feitoria de Abul, que remonta ao período dos Fenícios, o castelo de Alcácer do Sal, que é um dos prin-

cipais monumentos da cidade e, por fim, a Vila Romana que se encontra localizadas nas proximidades de Santa Catarina de Sítimos.

No entanto, devemos esclarecer que este percurso pedonal que une os três locais referidos já existe na paisagem natural da região. Trata-se, de resto, de um caminho que atravessa alguns locais que caracterizam a paisagem do concelho de Alcácer do Sal, com a sua vegetação, os seus arrozais, o rio Sado, e ainda construções que resultaram da intervenção humana, como é o caso da linha de caminho-de-ferro que atravessa a região. Assim, para que este cenário não seja descaracterizado, o que o projecto propõe é antes a utilização de marcos que unam os três locais, dando uma nova coesão e sublinhando a sua presença.

O visitante que se dirigir ao concelho de Alcácer do Sal e caminhar por este percurso pedonal, poderá assim ficar com uma ideia mais coerente da globalidade do pat-

rimónio histórico desta região. Além de disfrutar da sua paisagem, o viajante poderá também conhecer e interpretar as escavações arqueológicas e o valor simbólico de monumentos como o castelo de Alcácer do Sal. Para que o projecto seja levado a bom termo será necessário ter em conta tanto o conjunto coeso formado pela paisagem e território como a perspectiva individual do visitante que entra em contacto com o meio envolvente e vai fazendo a sua leitura individual. Os marcos colocados ao longo do trajecto poderão redefinir a experiência do visitante, orientando-o ao longo do percurso.

Um lugar especialmente importante será a construção de uma nova entrada na vila romana de Santa Catarina de Sítimos, que representará o culminar de um trajecto que une diversos pontos marcantes. Estas ruínas romanas poderão surgir interligadas e interagir com os outros locais de destaque do concelho de Santa Catarina de Sítimos. Esta localidade, bem como os vestígios romanos que

nela foram encontrados, serão particularmente relevantes no contexto deste trabalho, uma vez que, entre as ruínas romanas, encontram-se indícios de que terá ali existido uma piscina, o que sugere que as correntes de água desta região podem ser aproveitadas para diversos fins. Assim, e atendendo ao percurso que pretende revitalizar o contacto com a história e o património natural de Alcácer do Sal, faz sentido que, entre as ruínas romanas, seja construído um edifício de termas, que se chamará “Os Banhos de Salácia”. Colocar um edifício com este programa e adicionar um trajecto de revitalização do património oferecerá aos visitantes a possibilidade de estes terem uma experiência ainda mais rica, que os leve a vivenciar todas as potencialidades dos recursos naturais da região de Alcácer do Sal.

No contexto deste projecto, é importante esclarecer alguns pontos relevantes. Por essa razão, iremos apresentar de seguida uma discussão e exposição acerca dos seguintes temas: a percepção da paisagem, que no caso do

município a que nos referimos inclui o património histórico, mas também outros pontos de beleza natural, e que deve servir de ponto de partida para uma reflexão sobre a importância da paisagem e sua relação com o património histórico e natural, os monumentos que fazem parte do sistema que pretendemos montar. Ao longo do trabalho serão também apresentados casos de estudo que servirão para mostrar a pertinência de alguns dos pontos que abordamos e que servirão para apontar algumas linhas de orientação ou aprofundar questões com as quais lidamos directamente.

fig.01. The Lovers . The Great Wall of China . Marina Abramovic
and Ulay . Março-Junho,1988 .



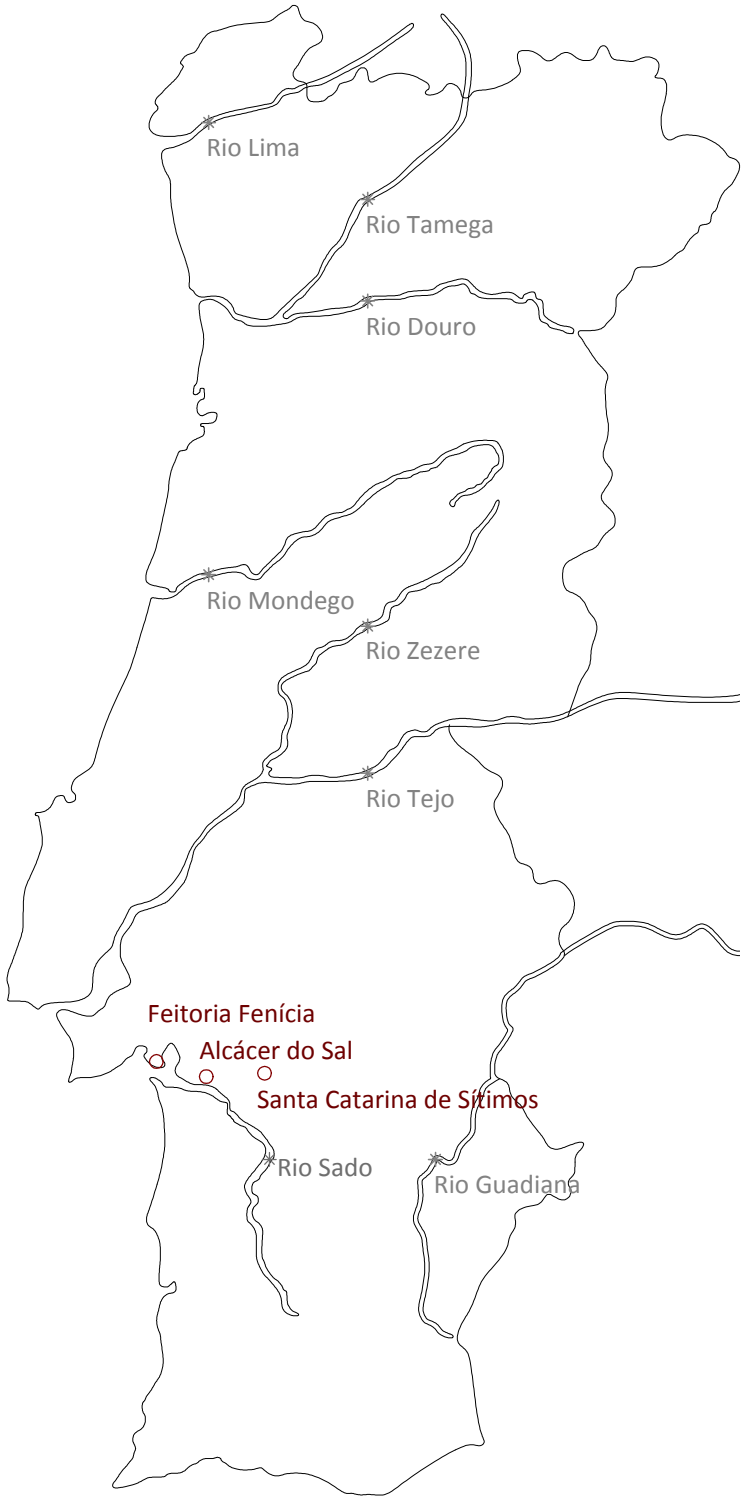
PERCEPÇÃO DA PAISAGEM
TERROTÓRIO

O município de Alcácer do Sal, que em termos dimensionais é o segundo maior do nosso país, encontra-se localizado na região do Alentejo, mais precisamente do Alentejo Litoral, pertence ao Distrito de Setúbal e é habitado por cerca de 13000 habitantes, o que constitui uma população bastante diminuta quando comparada com a área do concelho, que é de cerca de 1500 km2 (INE, 2012). A sua densidade populacional é assim de 8.7 habitantes por km2. Este município é limitado pelos concelhos de Palmela, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Viana do Alentejo e Grândola. Encontra-se também dividido em quatro freguesias, que são as de Comporta, São Martinho, Torrão e ainda a união das freguesias de Alcácer do Sal e Santa Susana. A importância desta região para o património histórico de Portugal deve-se ao facto de a cidade de Alcácer do Sal ser uma das mais antigas do nosso país, existindo documentos

que apontam a sua fundação por volta do ano 1000 a.C., numa altura em que a região começava a ser habitada pelos fenícios, que chegaram à região com o intuito de realizar trocas comerciais. Um ponto importante deste território é o rio principal que atravessa a região, o Rio Sado, que nasce no concelho de Ourique e tem uma extensão de cerca de 180 km. O estuário do Sado, onde o rio desagua, e que se situa próximo de Alcácer do Sal é um dos factores que contribui para a caracterização dos terrenos e vegetação da paisagem natural que compõem o território. No entanto, não é só a paisagem natural que é influenciada pela presença deste fluxo de água, uma vez que, sem o rio, dificilmente a cidade de Alcácer do Sal se teria tornado um importante ponto de trocas comerciais durante alguns momentos importantes da sua história. A riqueza dos recursos que existe nesta região, entre os quais, por

exemplo, se encontra o sal, o peixe e o arroz, deve-se, em grande parte, precisamente ao rio Sado e alguns dos seus principais afluentes, entre os quais, o Xarrama, que também banha Alcácer do Sal. Se pensarmos no caminho que será realizado pelos visitantes que tomarem o percurso pedonal que pretendemos, existem pelo menos três características que não deixaram de lhe chamar a sua atenção: a água, os arrozais e o património que compõem a região. Como já se referiu, a importância da água deve-se à presença do rio Sado e a outros pontos, como o estuário, que fazem parte da paisagem da região; os arrozais povoam o território natural porque este tipo de produção agrícola é o que mais se adequa aos tipos de solo existentes; já o património histórico é o resultado das construções humanas que foram erigidas em diferentes épocas e representam importantes documentos para quem pretender

estudar a evolução da região ao longo dos tempos. A forma como esta paisagem é constituída por estes três elementos, que formam um todo coerente, obriga a que qualquer intervenção tenha o maior cuidado para não descaracterizar o território. O objectivo é que este projecto se insira eficazmente no património natural e humano já existente na região. Por esta razão, é importante que se faça uma reflexão geral sobre a importância da paisagem e do património, mas sem nunca perder de vista que o principal objectivo é de aplicar tal reflexão ao projecto que se pretende realizar.



PERCEPÇÃO DA PAISAGEM
PAISAGEM . água

fig.02. Ortomapa Arrozaís . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016
fig.03. Ortomapa Pinhal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016
fig.04. Ortomapa Pinhal . Canal . Arrozaís . Rio Sado . Arrozaís . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 15 Janeiro 2016
fig.05. Ponte Viária . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015
fig.06. Ponte Ferroviária e IC1 . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014
fig.07. Ponte Ferroviária . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 16 Outubro 2014
fig.08. Arrozaís . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 11 Dezembro 2014
fig.09. Canal de Rega . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015
fig.10. Cidade de Alcácer do Sal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 16 Outubro 2014

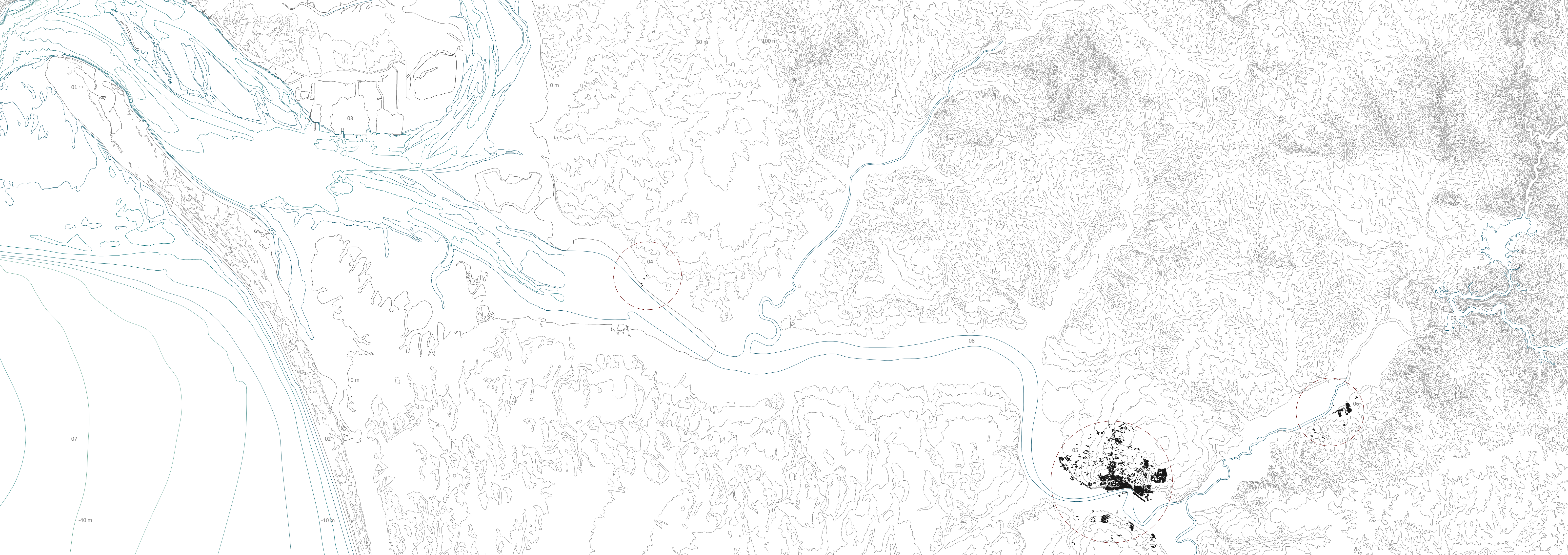
Planta Altimetria e Batimetria com Zonas de Intervenção .
ESCALA . 1 : 60000
01 . Península de Tróia
02 . Comporta
03 . Lisnave . Estaleiros Navais
04 . Feitoria Fenícia
05 . Alcácer do Sal
6 . Santa Catarina de Sítimos
7 . Oceano Atlântico
8 . Estuário do Sado
9 . Barragem Pego do Altar

A relação entre paisagem e património é particularmente complexa e a forma como esta questão for abordada ou compreendida pode ser fundamental para determinar as decisões relativas a um projecto de intervenção. A urbanização, fenómeno que faz parte do mundo moderno e que ocasionalmente leva a que os espaços urbanos pareçam querer sobrepor-se aos espaços naturais, revela uma relação complexa que só pode ser entendida se se utilizar uma abordagem pluridisciplinar e recorrendo ao maior número possível de perspectivas diferentes. Um primeiro ponto a que se deve prestar atenção é que a recente introdução do debate sobre a preservação da natureza e do meio ambiente (motivado pelos perigos das alterações climáticas) veio novamente colocar o tema da paisagem em destaque, sendo esta vista como algo que é importante preservar. A constante valorização do património histórico,

que parece ser uma das características da modernidade, junta-se assim a uma revalorização dos cenários paisagísticos. No entanto, se rejeitarmos visões simplistas ou redutoras, é importante perceber de que maneira esta relação paisagem/património tem lugar. É frequente pensar-se no culto da paisagem como uma componente cuja origem remonta aos finais da Idade Média e inícios do Renascimento. Este culto ter-se-ia ficado a dever ao desejo de prestar reverência a uma ordem distinta da ordem social, que a precede.

“A paisagem enquanto figura privilegiada da natureza tem o poder de aliar as diferenças, juntar os contrários, tornar sensível a unidade do mundo; a sua contemplação incita à paz da alma e à sua elevação” .





Esta visão da paisagem adopta uma perspectiva essencialista e atribui-lhe características que seriam independentes da mão humana.

No entanto, não se deve pensar que tal visão represente uma verdadeira independência da paisagem em relação à cultura humana, uma vez que “a invenção de uma paisagem é sobretudo a invenção de uma cultura” . As características atribuídas à paisagem e a forma como ela surge representada em diversas obras de arte são o produto de uma cultura, de uma visão humana que enquadra a paisagem de determinada maneira no tempo e espaço em que ela é percebida e a fazem relacionar-se com as construções atribuídas à cultura humana. A principal conclusão a que se pode chegar é que não existe um estado puro em que a paisagem natural se encontre definitivamente separada da cultura humana.

E é também fácil de concluir que, mesmo num con-

texto histórico em que os grandes centros urbanos se multiplicam, a relação entre paisagem e património é complexa e fluida. Intervenções e projectos, realizados por arquitectos ou artistas, podem revitalizar o espaço urbano e natural, fazendo com que uma paisagem comum passe a ser considerada património público. É importante que se ultrapasse qualquer pensamento dualista, que coloque o natural e o social em posição de confronto irremediável. Hoje é possível, por exemplo, a concretização de projectos de intervenção que recorrem à tecnologia, sem que tal signifique necessariamente a degradação do espaço ambiental, mas antes a sua preservação e reforço da coabitação com o património humano existente.

Um grande número de projectos pode também dedicar-se à urbanização de espaços rurais, ou à construção de novos espaços habitacionais, sem que tal

strução de novos espaços habitacionais, sem que tal signifique uma degradação para os locais junto dos quais se fará a intervenção. É este equilíbrio e esta coabitação de diferentes espaços que deve orientar a realização do projecto de reactivação do património de Alcácer do Sal, pois a fidelidade a este princípio permitirá dar novos sentidos à realidade já existente sem que se desfigure o seu património natural ou humano.

fig.11. Arrozais na Cidade de Alcácer do Sal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 02 Outubro 2014

- Planta Rede Hidrográfica do Estuário do Sado . ESCALA . 1 : 60000
- 01 . Rede Hidrográfica do Estuário do Sado
 - 02 . Arrozais no Concelho de Alcácer doSal
 - 03 . Feitoria Fenícia
 - 04 . Alcácer do Sal
 - 05 . Santa Catarina de Sítimos





PERCEPÇÃO DA PAISAGEM
PATRIMÓNIO



fig.12. Concheiro . Arapouco
fig.13. Feitoria Fenícia de Abul
fig.14. Monte da Tumba
fig.15. Forum Romano de Salacia
fig.16. Banhos de Santa Catarina de Sítimos
fig.17. Ermida de S.João dos Azinhais
fig.18. Calçada Romana
fig.19. Estação Arqueológica de Tróia
fig.20. Castelo de Al-Qarsr

fig.21. Igreja de Santa Maria do Castelo
fig.22. Santuário do senhor dos Mártires
fig.23. Igreja Matriz do Torrão
fig.24. Ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso
fig.25. Igreja do Convento de Santo António . Igreja das Onze Mil Vir-
gens
fig.26. Igreja da Misericórdia
fig.27. Igreja e Convento de S. Francisco
fig.28. Igreja do Espírito Santo
fig.29. Igreja da Nossa Senhora do Graça



fig.30. Igreja da Nossa Senhora do Monte
fig.31. Cais Palafítico
fig.32. Cabanas de Colmo

Planta Património Concelho de Alcácer do Sado . ESCALA . 1 : 60000

MESOLÍTICO SÉC. 10000 a.C. - V a.C.

- 01 . Concheiro . Arapouco
- 02 . Concheiro . Cabeço do Rebolador
- 03 . Concheiro . Barrada das Vleiras
- 04 . Concheiro . Amoreiras
- 05 . Concheiro . Vale de Romeiras
- 06 . Concheiro . Cabeço do Pez
- 07 . Concheiro . Várzea da Mó
- 08 . Concheiro . Barrada do Grilo
- 09 . Concheiro . Fonte da Mina
- 10 . Concheiro . Poças de São Bento
- 11 . Concheiro . Barranco da Moura

SÉC VII a.C - SÉC I a.C.

- 12 . Feitoria Fenícia de Abul . VII e VI a.C.
- 13 . Monte da Tumba . III e I a.C.

PERÍODO ROMANO

- 14 . Forum Romano de Salacia . I e V a.C.
- 15 . Santa Catarina de Sítimos . I e V a.C.
- 16 . Ermida de S. João dos Azinhais . 682 d.C.
- 17 . Calçada Romana . Salacia - Eborá, sentido Torrão
- 18 . Ponte Romana . Salacia - Eborá, sentido Torrão
- 19 . Estação Arqueológica de Tróia . I d.C.

PERÍODO MUÇULMANO

- 20 . Castelo de Al-Qarsr . 1191

PERÍODO DE PERMANÊNCIA DA ORDEM DE SANTIAGO

- 21 . Igreja de Santa Maria do Castelo . 1217
- 22 . Santuário do Senhor dos Mártires . XIII - XIV - XVI
- 23 . Igreja Matriz do Torrão . XIII - XVI - XVII

REINADO DE D.MANUEL I

- 24 . Ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso . Torrão . 1495 - 1521
- 25 . Igreja do Convento de Santo António . Capela das Onze Mil Virgens . 1524
- 26 . Igreja da Misericórdia . Alcacer do Sal . 1547
- 27 . Igreja e Convento de S. Francisco . Torrão . XVI
- 28 . Igreja do Espírito Santo . Actualmente Museu Pedro Nunes . XVII
- 29 . Igreja da Nossa Senhora da Graça . XVII - XVIII
- 30 . Igreja de Santiago . XVIII
- 31 . Igreja de Nossa Senhora do Monte . Vale do Guizo . 1751

SÉC. XX

- 32 . Cais Palafítico . Carrasqueira . 1950-1960
- 33 . Cabanas de Colmo . Carrasqueira . 1950 - 1960





CAMINHAR

“O caminhar condiciona a vista e a vista condiciona o caminhar de tal maneira que parece que só os pés possam ver.”

Robert Smithson

O acto de caminhar pode ser visto como um processo de transformação simbólica da paisagem que nos rodeia. A prática do caminhar “significa transformar o espaço em história, em narrativa, e participar na construção das experiências paisagísticas de uma geografia afectiva, de proximidade e de contacto com o mundo e com o espaço no qual, possivelmente, tem origem a geografia sapiente” .

Já referimos anteriormente que a concepção deste projecto leva em conta não só o conjunto global da paisagem e do património que surgem ao longo do percurso, mas também a experiência e leitura individual de cada visitante. Tendo em conta esta individualidade e subjectividade da percepção, a descoberta paisagem pode ser vista como uma leitura que é feita por quem entra em contacto com ela. O acto de caminhar torna-se então um processo de descoberta, em que vão sendo processadas diversas reali-

dades e os significados que se lhe atribuem ao longo do percurso. Caminhar, além de uma prática, pode ter também uma componente estética que define a relação do observador com aquilo que este pretende contemplar.

É possível então conceber a paisagem como um “espaço vivido” ou ainda como uma “forma espaço-temporal segundo a qual o habitar humano se desenvolve no mundo” . Este espaço vivido representa uma forma de estar no mundo e na vida, que é única para cada ser humano, e que se reflecte na forma como este se relaciona e interpreta a paisagem que o rodeia. O ser humano que caminha é um ser humano que está constantemente num processo de redescoberta de novas paisagens e que as interpreta de acordo com a subjectividade da sua percepção. A obra de Richard Long, para o qual a importância do processo de caminhar e de entrar em contacto com

o espaço natural que se ergue em volta do sujeito sempre foi uma componente importante. A sua obra é a de um artista que consegue construir através de vários recursos, mantendo a importância da paisagem, a sua história e o processo de descoberta que ela proporciona.

A concretização deste projecto pretende oferecer um novo caminho, orientado pela ideia de unir e dar um novo significado a um conjunto de pontos importantes do concelho de Alcácer do Sal. Contudo, o “espaço vivido”, a interpretação e percepção subjectivas de cada transeunte que tomar este percurso pedonal variará de acordo com a leitura que este fizer, bem como a relação específica que tem com o espaço que o rodeia.

Esta componente dupla, que une a experiência individual à memória colectiva do património, estará presente ao longo de todo o projecto e influen-

cia as decisões que são tomadas relativamente ao aproveitamento da região histórica do município de Alcácer do Sal.

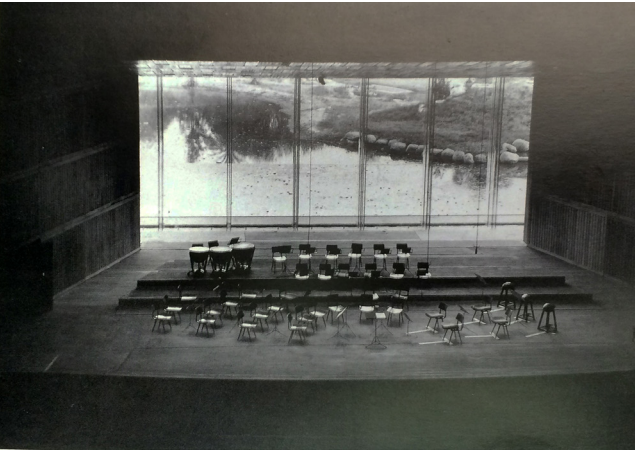
A principal conclusão que pode ser apresentada depois desta reflexão é a de que existem dois pontos fundamentais para orientar a concretização deste projecto, sendo o primeiro deles o de que a relação entre a paisagem natural e o património humano não deve ser considerada como necessariamente antagónica, uma vez que é possível intervir sobre o terreno, mantendo as características naturais que marcaram o território ao longo de várias gerações poder-se-á, inclusive, contribuir para a sua preservação ao mesmo tempo que se modifica as construções que tivera origem em mão humana e se lhes dá um novo significado. No caso, as paisagens naturais, das quais fazem parte os arrozais e as margens do rio Sado, serão incluídas num trajecto cujo

fig.33. Jardim Gulbenkian . Arq. Gonalo Ribeiro Telles . Lisboa
fig.34. Jardim Gulbenkian . Arq. Gonalo Ribeiro Telles . Lisboa
fig.35. Audit3rio Gulbenkian . Arq. Gonalo Ribeiro Telles . Lisboa
fig.36. Richard Long . Walking the Line
fig.37. Musealiza3o Castelo S.Jorge Arqueologia . Arq. Carrilho da Graa .Lisboa
fig.38. Richard Long . Walking the Line .
fig.39. Musealiza3o Castelo S.Jorge Arqueologia . Arq. Carrilho da Graa .Lisboa

principal objectivo 3 unir monumentos hist3ricos, mas sem rejeitar a import3ncia da paisagem natural que os rodeia e lhes d3 uma significa3o espec3fica. Outro princ3pio ainda 3 o de que a experi3ncia de descoberta subjectiva, que depende da perspectiva individual, ser3 importante para a leitura feita pelos visitantes que passarem por este percurso pedonal. A pr3tica de caminhar ser3 para eles um processo em que se entra em contacto com novas realidades, todas elas carregando diferentes significados e valores. A valoriza3o desta experi3ncia estar3 presente ao longo da concep3o de todo o projecto.

O caminho que foi escolhido para a concretiza3o deste projecto representa, uma possibilidade de entrar em contacto com pontos de especial import3ncia para a paisagem da regi3o e que a tornam t3o caracter3stica. Refira-se que o percurso aqui escolhido, entre os muitos que poderiam delinear este pro-

jecto, se ficou a dever ao facto de este ser feito, em grande parte, 3 cota 5m e seguir quase sempre em locais pr3ximos de campos de arrozais e do caminho-de-ferro que, fazem parte da paisagem da regi3o. Conhecer estes pontos 3 fundamental para que se tenha uma ideia completa desta regi3o de Alc3cer do Sal e o visitante que siga este percurso por certo n3o deixar3 de os conhecer.



VIA PEDONAL DE CAMINHO À ACRÓPOLE
Dimitris Pikionis

No contexto do projecto que temos vindo a referir, uma intervenção que faz sentido aludir é a do arquitecto grego Dimitris Pikionis, que é um dos nomes mais célebres da arquitectura do século XX. Entre os inúmeros projectos pelos quais este arquitecto foi responsável, destaca-se uma reconfiguração da Acrópole realizada nos anos 50 do século passado. Estando a cidade de Atenas a conhecer um período de remodelação urbana com a construção de novos edifícios modernos na era do pós-guerra, uma boa parte do património histórico desta cidade parecia destinado à deterioração. Por essa razão, este arquitecto foi incumbido de uma série de projectos que tinham por objectivo de preservar alguma da riqueza histórica da capital grega dos seus tempos pré-industriais.

Uma das suas intervenções foi sobre o caminho que levava até à Acrópole, tendo o arquitecto sido guia-

do pelas ideias já por nós aqui referidas de que o acto de caminhar pode representar uma descoberta e interpretação da realidade envolvente, uma experiência única para cada visitante. Procurar preservar algo de uma era antiga numa Atenas modernizada foi assim uma tarefa que Pikionis realizou ao seleccionar pontos que orientavam o destino dos potenciais viajantes ou lhes evocasse a atenção para determinados pontos. A sua intenção terá sido muitas vezes a de provocar deslumbramento, a de incentivar a reflexão ou a redefinição de uma paisagem já aprendida.

Inspirado por obras da arquitectura e arte japonesa, Pikionis criou um ambiente urbano que é capaz de evocar tempos passados e introduzir o património antigo na realidade dos tempos modernos. Ao longo do trajecto, foram colocados artefactos oriundos de outros edifícios clássicos e que eram capazes de re-

definir a paisagem e a relação que os visitantes tinham com esta. O que se pode dizer, portanto, é que este arquitecto foi capaz de construir um percurso que pode propiciar uma experiência em muitos aspectos semelhante à de uma caminhada rural, mas tendo lugar dentro da cidade de Atenas e evocando monumentos e vestígios que fazem parte de um passado histórico pelo qual esta urbe é ainda hoje mundialmente conhecida.

Este projecto representa, como se pode ver, algo de semelhante ao que aqui se pretende também realizar.



fig.40. Dimitris Pikionis . Caminho à Acropole
fig.41. Dimitris Pikionis . Caminho à Acropole



fig.42. Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 08 Janeiro 2015

fig.43. Alcácer do Sal . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

fig.44. Santa Catarina de Sítimos . Alcácer do Sal . Adriana Morgado . 20 Novembro 2014

O património histórico de uma localidade ou região apresenta sempre um valor simbólico que é importante preservar. De certa maneira, este património revela-se como que um documento, que guarda a memória de eventos ou tradições passadas e que constituem o conjunto de características que é importante conhecer acerca dessa mesma região. Este património histórico pode ser uma actividade ou festejo tradicional, uma peça gastronómica, uma obra de arte, ou uma construção que evoca épocas e eventos passados e que é valorizada como um monumento. Com um património rico em monumentos históricos, Portugal encontra-se repleto dos mais variados exemplos que atestam a importância de recordar épocas passadas, desde museus a castelos, passando por ruínas dos tempos do Império Romano ou da Época Medieval.

Refira-se, como exemplo, a obra de Gonçalo Ribeiro

Telles, arquitecto paisagístico que se mantém como uma influência importante no meio arquitectónico português e que defendeu, como nenhum outro, a importância da tradição e do conhecimento colectivo que representa um património do passado.

“No entanto, para Gonçalo Ribeiro Telles, a tradição não se confunde com o que se repete ou com qualquer inércia que se impõe contra o dever de completar e enriquecer pelo valor humano a herança recebida das gerações que nos antecederam”.

Para este arquitecto a tradição é algo de dinâmico, capaz de influenciar as novas gerações que, tendo por base as influências do passado, conseguem adoptar aquilo que faz parte dos tempos antigos para as realidades das novas eras. Preservando as culturas tradicionais, o arquitecto deve assim ser também capaz de inovar, criando obras que se ligam ao passado, à memória colectiva, mas também ao

presente e aos pontos em que as aprendizagens do passado ainda se revelam importantes no momento presente.

Referências como, Marina Abramovic vão ainda mais longe nesta visão da história como elemento presente na criação artística e no trajecto das descobertas, fazendo da sua própria vida, da sua própria história, o motivo de inspiração para um conjunto de obras que evocam o passado, o presente e o futuro, justapondo o individual com o colectivo, o artista com o seu público. Abramovic terá mesmo projectado criar obras que evocam o trajecto histórico que foi vivido pelo continente europeu e americano evocando a sua própria história de vida a forma como ela se relaciona com factos históricos.

No entanto, e apesar da valorização do património por alguns artistas e arquitectos, são muitos os casos

em que, com o passar do tempo, os monumentos que englobam o património histórico se deterioram ou acabam por cair no esquecimento, o que pode igualmente acontecer em conjunto com o declínio da importância de uma região ou localidade. Este abandono das localidades, que pode ser combatido através de projectos que as dinamizem e revitalizem as suas infra-estruturas, não deve ser visto como uma fatalidade, sendo possível também a realização de projectos de reactivação do património histórico. Tais projectos devem ser capazes de dar toda uma nova dimensão a monumentos de épocas antigas sem que estes sejam descaracterizados ou se perca a relação harmoniosa com a paisagem natural que os envolve.

fig.45. Feitoria Fenícia de Abul





Feitoria Fenícia de Abul

Alcácer do Sal

Santa Catarina de Sítimos



A Feitoria de Abul encontra-se localizada na margem direita do Estuário do Sado no monte de Abul e nas proximidades da cidade de Alcácer do Sal. O seu sítio arqueológico ocupa uma península onde são abundantes os campos de arroz e aos quais a água salgada do rio não consegue chegar. O solo desta península apresenta formações argilosas da época do Miocénico médio, mas também areno argilosas do Miocénico superior.

Esta feitoria terá sido construída pelos fenícios que aqui se estabeleceram com o intuito de realizar trocas comerciais, aproveitando o ponto estratégico que esta região representava no contexto da Península Ibérica. Aquando se deu a sua descoberta, tratava-se esta da única construção puramente fenícia que havia sido descoberta a oeste de Gadir. É possível dizer que esta construção se encontra localizada a meio caminho entre o local que é hoje Alcácer

do Sal e aquele em que actualmente se situa a cidade de Setúbal. Que o local de construção desta fortaleza tenha sido favorável para os seus habitantes torna-se claro quando se aponta a sua proximidade de duas enseadas (que podem facilmente ser utilizadas como portos naturais) bem como a riqueza de matérias-primas ali presentes, entre as quais se encontravam o minério, e outros recursos alimentícios que se poderia adquirir através da proximidade do rio.

A descoberta e investigação deste monumento histórico terão ocorrido nos inícios dos anos 90, quando uma equipa de investigação realizou diversas escavações que permitiram exumar os restos fenícios e também descobrir vestígios de uma olaria da época dos romanos, que se encontrava nas proximidades da construção fenícia. Esta investigação permitiu também descobrir e estudar diversas

peças com grande valor arqueológico, entre as quais se contavam peças de cerâmica, como ânforas, do período romano, mas também outros artefactos anteriores a este e que, portanto, só poderia ter tido origem na época em que os fenícios ali iniciaram a sua habitação. Os resultados das investigações permitiram concluir que, depois da época dos fenícios, a feitoria continuou a ser habitada por romanos, sendo definitivamente abandonada apenas no final do século VI d.c.

As construções de fornos romanos acabaram por se sobrepor a alguns edifícios mais antigos da época dos fenícios, mas tal não impediu que as escavações trouxessem à luz do dia algumas das principais ruínas pertencentes à época pré-romana. As investigações foram capazes de revelar um lugar único em toda a fachada atlântica europeia, por se tratar da única construção fenícia que é conhecida na Penín-

sula Ibérica.

A estrutura desta feitoria copia um modelo que se encontra também em outros locais do norte de África e do Médio Oriente, que foram também habitados pelos fenícios, e apresenta uma forma de organização especial que era comum à civilização fenícia: nomeadamente uma planta quadrangular dividida em várias divisões. Tal parece indicar que a feitoria tinha tanto uma função habitacional como comercial. As investigações revelaram ainda que o edifício, ainda na época dos fenícios, parece ter conhecido duas fases diferentes de construção, separadas por um espaço de tempo não superior ou de duas ou três gerações, e que recorreu ao uso do mesmo tipo de material cerâmico e argila vermelha.

Com base na análise do material cerâmico, foi possível dividir as fases de habitação desta região em três épocas: uma fase pré-fenícia, em que a zona não

fig.47. Vista aérea Complexo Habitacional e do Santuário . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .
fig.48. Vista aérea Santuário . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .
fig.49. Vista aérea Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .
fig.50. Vista geral Complexo Habitacional a partir de Sul . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .
fig.51. Vista de Sudoeste Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .
fig.52. Paisagem envolvente . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .
fig.53. Vista de Noroeste . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal .

era de todo habitada; a fase da sua primeira construção e habitação por parte dos fenícios, que terá ocorrido por volta do século VII a.C., uma fase final em que, depois do período de habitação romana, a feitoria começou a ser abandonada por volta do século VI d.C.

Estas ruínas representam, assim, um dos pontos de interesse da região de Alcácer do Sal, sendo parte do seu património histórico. Acima de tudo, não se deve subestimar a importância de, nesta localidade, se ter descoberto um achado que remonta a uma época pouco conhecida e da qual até então parecia haver poucos vestígios em Portugal e na Península Ibérica. É precisamente o facto de este ser o único local puramente fenício no nosso país que lhe dá uma importância histórica difícil de negar e que o torna uma passagem obrigatória para todos os que quiserem conhecer a história de Alcácer do Sal. É

esta a principal razão pela qual foi decidido incluir este monumento no projecto que mencionamos.

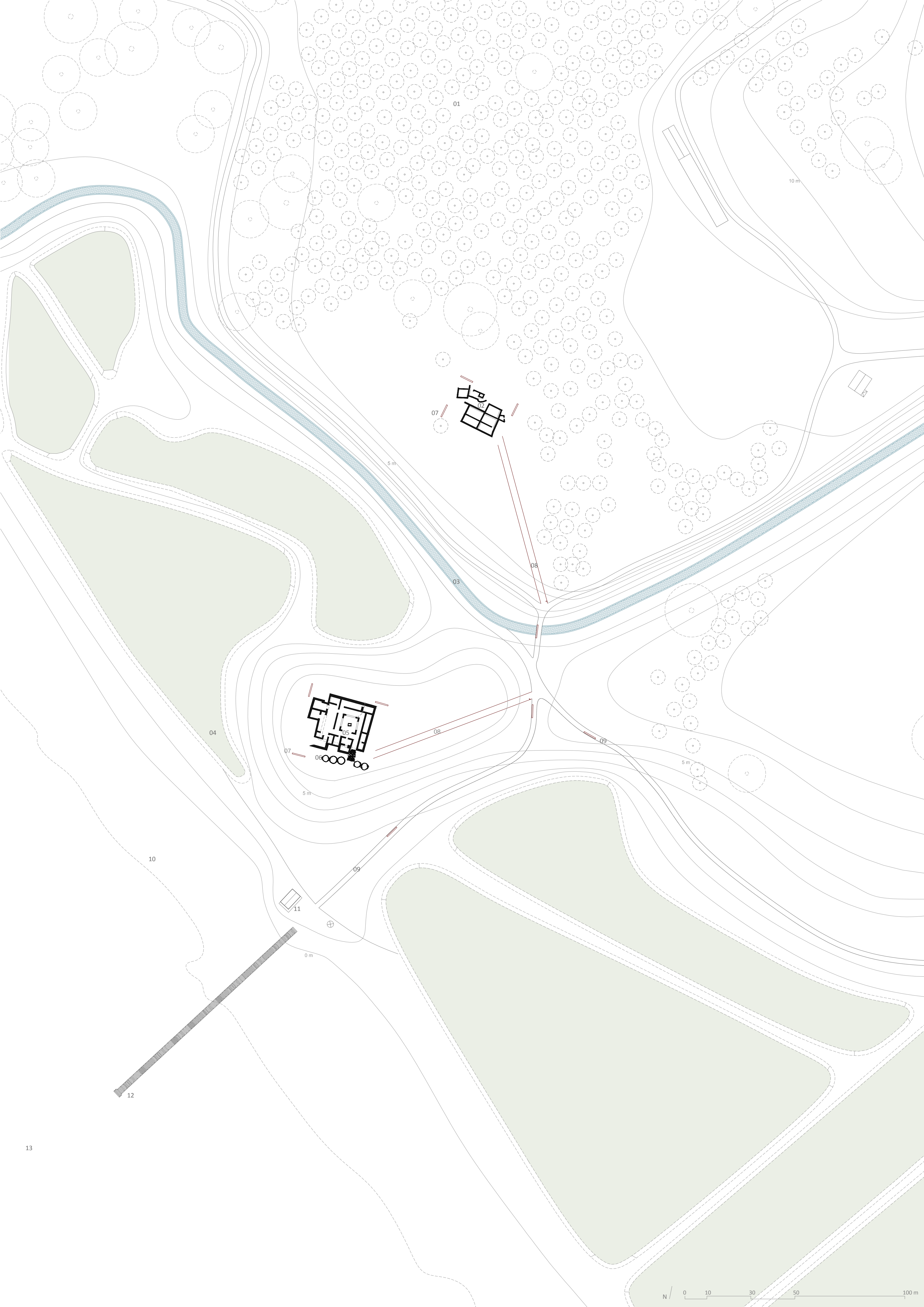
Refira-se ainda que a escolha deste local como elemento gerador de percurso que se torna relevante precisamente devido ao facto de este ser os primeiros vestígios arqueológicos fenícios em Portugal. Pertencendo a civilização fenícia a uma época bastante remota, esta feitoria será a construção mais antiga a ser englobada no percurso pedonal e o seu início neste ponto representa simbolicamente a descoberta da história da Península Ibérica e dos povos que marcaram as suas origens, partindo precisamente dos vestígios associados às épocas mais primordiais de que existem registos.



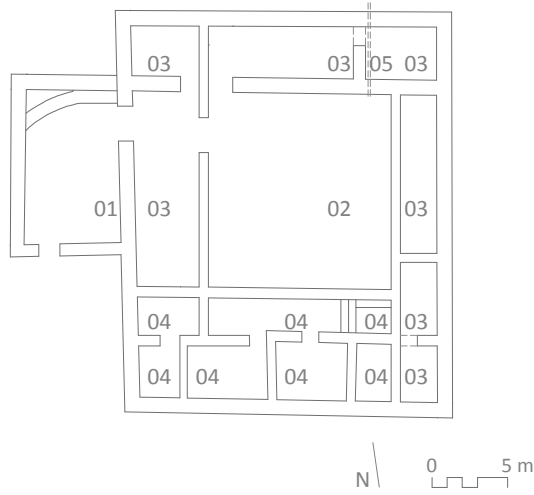
- Planta de Localização Feitoria Fenícia . ESCALA . 1 : 6000
- 01 . Variante Caminho de Ferro
 - 02 . Zona de Mata
 - 03 . Trilhos de Pé Posto
 - 04 . Caminho de Ferro 1918
 - 05 . Monte Novo de Palma
 - 06 . Entrada na Herdade Monte Novo de Palma
 - 07 . Canal
 - 08 . Arrozais
 - 09 . Caminho de Acesso aos Vestígios Arqueológicos
 - 10 . Cais de Acostagem
 - 11 . Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional
 - 12 . Vestígios Arqueológicos . Fornos
 - 13 . Vestígios Arqueológicos . Santuário
 - 14 . Monte Novo do Sul
 - 15 . Rio Sado



- Planta Proposta Feitoria Fenícia de Abul . ESCALA . 1 : 1000
- 01 . Zona de Mata
 - 02 . Vestígios Arqueológicos . Santuário de Abul
 - 03 . Canal de Rega
 - 04 . Arrozaís
 - 05 . Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional de Abul
 - 06 . Vestígios Arqueológicos . Fornos
 - 07 . Proposta . Bancos que Delimitam o Percurso Perimetral
 - 08 . Proposta . Caminho de Acesso aos Vestígios Arqueológicos
 - 09 . Percurso . Caminho Existente Formalizado
 - 10 . Caniços
 - 11 . Proposta . Edifício Existente Zona de Apoio aos Vestígios Ar-
queológicos
 - 12 . Cais de Acostagem
 - 13 . Rio Sado



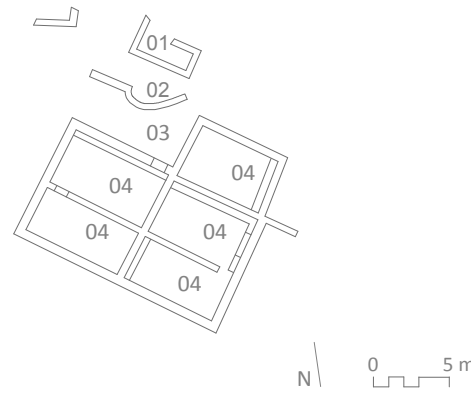
ELEMENTO GERADOR
FEITORIA FENÍCIA



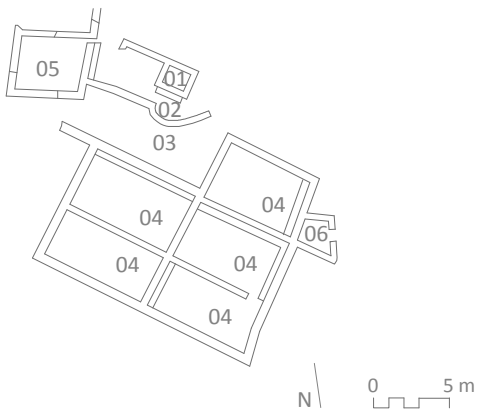
Planta Esquemática Construção Complexo Habitacional da Feitoria Fenícia de Abul . Início séc. VII a.C
ESCALA . 1 : 500



Planta Esquemática Construção Complexo Habitacional da Feitoria Fenícia de Abul . Segunda Metade séc. VII a.C
ESCALA . 1 : 500



Planta Esquemática Construção Santuário de Abul da Feitoria Fenícia de Abul . Final séc. VI a.C
ESCALA . 1 : 500



Planta Esquemática Construção Santuário de Abul da Feitoria Fenícia de Abul . Início séc. V a.C
ESCALA . 1 : 500

Corte Proposta Feitoria Fenícia de Abul . ESCALA . 1 : 300

- 01 . Rio Sado
- 02 . Cais de Acostagem
- 03 . Caniços
- 04 . Proposta . Edifício Existente Zona de Apoio aos Vestígios Arqueológicos
- 05 . Percurso . Caminho Existente Formalizado
- 06 . Arrozaís
- 07 . Proposta . Bancos que Delimitam o Percurso Perimetral
- 08 . Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional de Abul
- 09 . Proposta . Caminho de Acesso aos Vestígios Arqueológicos
- 10 . Proposta . Placar Informativo
- 11 . Vestígios Arqueológicos . Santuário de Abul

- 01 . Acesso ao edifício “torre”
- 02 . Pátio Central
- 03 . Armazéns
- 04 . Habitacional e/ou Funções Administrativas
- 05 . Canalização

- 01 . Rampa de Acesso ao Edifício
- 02 . Entrada do Edifício
- 03 . Entrada Secundária ao Edifício
- 04 . Espaço de Circulação Perimetral
- 05 . Pátio Central
- 06 . Altar
- 07 . Armazéns
- 08 . Torre
- 09 . Habitacional e/ou Funções Administrativas
- 10 . Canalização

- 01 . Elemento gerador
- 02 . Esplanada
- 03 . Espaço de Circulação
- 04 . Sala de Culto

- 01 . Elemento gerador
- 02 . Esplanada
- 03 . Espaço de Circulação
- 04 . Sala de Culto
- 05 . Sala a uma Cota Elevada
- 06 . Sala com Configuração Trapezoidal

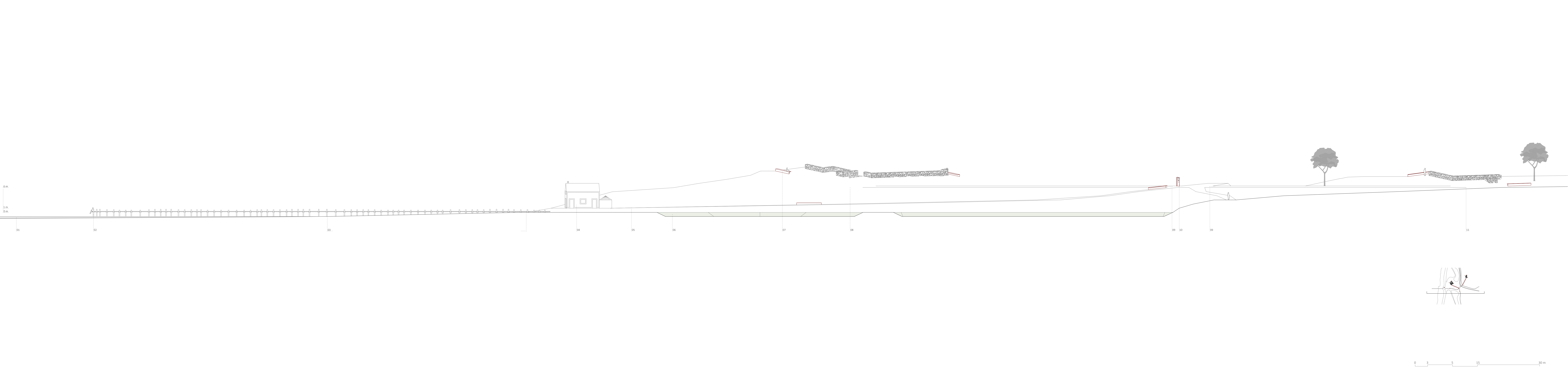


fig.54. Canal de Rega . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.55. Pormenor Cais de Acostagem . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.56. Paisagem envolvente Cais de Acostagem. Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.57. Paisagem envolvente . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.58. Construções Existentes . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.59. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Santuário . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.60. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.61. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal
fig.62. Estado Actual de Conservação Vestígios Arqueológicos . Complexo Habitacional . Feitoria Fenícia . Alcácer do Sal



fig.63. Cidade de Alcácer do Sal



SISTEMA
FEITORIA FENÍCIA . ALCÁCER DO SAL . SANTA CATARINA DE SÍTIMOS



Feitoria Fenícia de Abul

Alcácer do Sal

Santa Catarina de Sítimos

“ Alcácer é uma bonita vila de grandeza média, erguida nas margens do Sado, grande rio sulcado por numerosas embarcações e navios de comércio. A vila está rodeada por todos os lados de bosques de pinheiros, cuja madeira serve para a construção de nuneosos barcos. A região, muito fértil, produz em abundância lacticínios, manteiga, mel e carne.”

Edrisi (séc. XII)



OCUPAÇÃO
ALCÁÇER DO SAL . Período Romano . Séc. I a.C - V d.C

Depois de referida a Feitoria de Abul e sua importância histórica, não pode ser esquecido também o património histórico existente na cidade de Alcácer do Sal, cujo principal monumento é o castelo de época medieval. Se é notória a importância de um monumento que evoca a época dos fenícios, não o será menos esta construção. Para se compreender melhor a história do castelo, é necessário analisar o percurso histórico da cidade de Alcácer do Sal nos seus tempos medievais, ou seja, durante a ocupação árabe e posterior reconquista cristã.

No início do século VIII d.C., mais precisamente no ano de 715, a região de Alcácer do Sal foi ocupada pelos árabes, que depressa a muniram com as construções de carácter militar que eram importantes para garantir a sua defesa em caso de ataque por parte dos cristãos. A história de Alcácer do Sal na Idade Média não pode desvalorizar esta componen-

te militar, que está na origem das mais diversas construções, entre as quais se conta a do castelo que ainda hoje subsiste. As tentativas falhadas de conquista da cidade por parte de povos vindos do norte, como foi o caso dos normandos, provam que esta preocupação com a defesa do território não se devia a nenhum exagero por parte dos líderes árabes. Durante esta época, a cidade tornou-se um importante centro de trocas comerciais e culturais, uma vez que foi a capital da província que então era conhecida como Al-Kassr (e que veio a dar à localidade o nome que esta ainda hoje tem). Os vários edifícios construídos pelos árabes haveriam, contudo, de ser destruídos ao longo dos séculos seguintes, razão pelo qual grande parte do património histórico árabe se encontra hoje desaparecido.

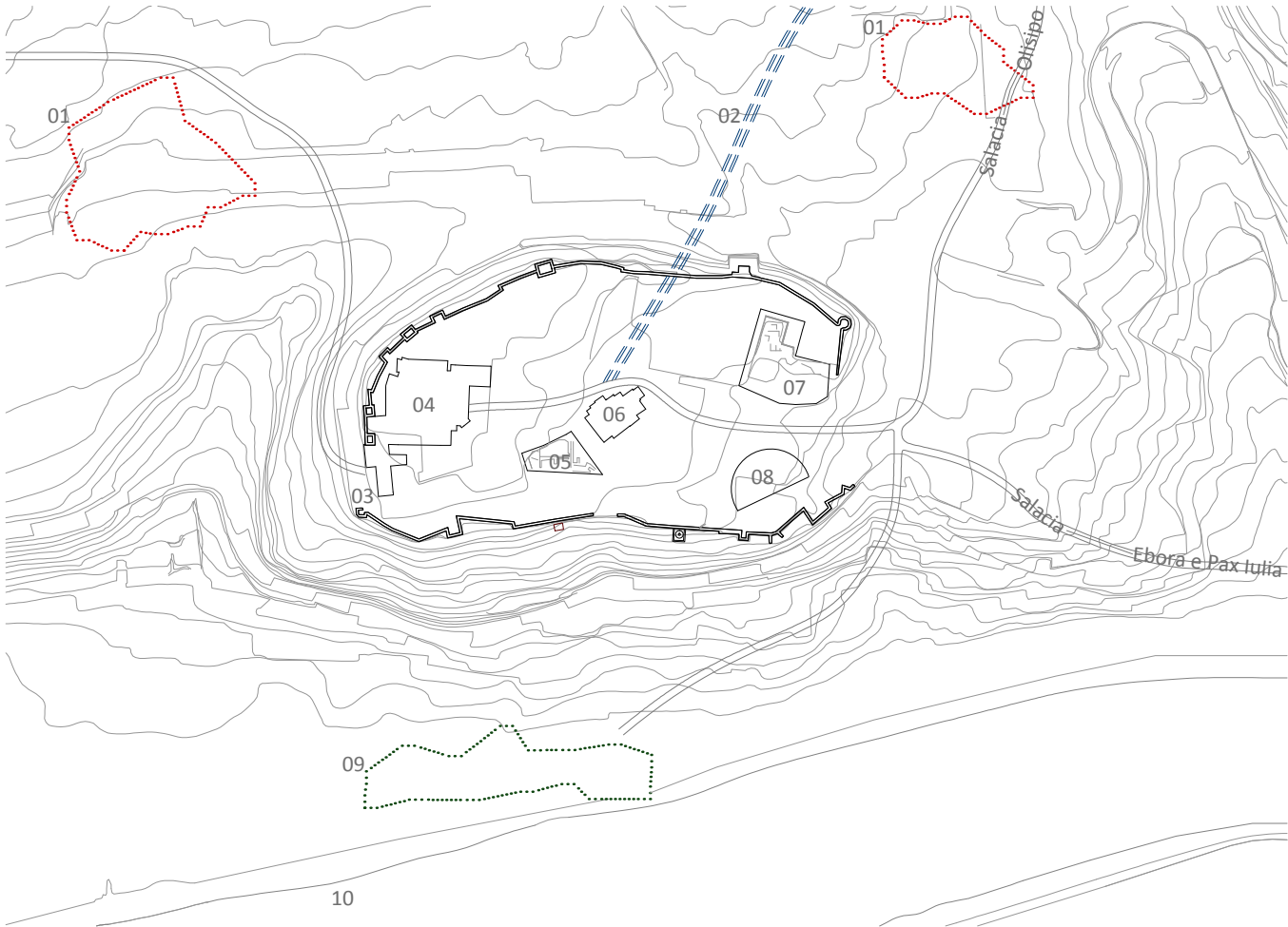
“Se é verdade que a colina, onde outrora se ergueu a alcáçova e a medina, continua a fazer parte integran-



Esquema de Portugal na Época Romana . ESCALA . 1 : 2 500 000

Esquema Percurso Terrestre e Fluvial no Império Romano

-  01 . Percurso Fluvial
-  02 . Percurso Terrestre



Esquema Estrutura Urbana do Império Romano . Salacia

ESCALA . 1 : 4000

- 01 . Necropole
- 02 . Aqueduto
- 03 . Recinto Amuralhado
- 04 . Espaço Administrativo
- 05 . Forum
- 06 . Igreja Paleocristã
- 07 . Espaço Habitacional
- 08 . Anfiteatro
- 09 . Área Portuária
- 10 . Rio Sado

OCUPAÇÃO
ALCÁCER DO SAL . Período Muçulmano . Séc. VIII - XIII

te da paisagem urbana no presente, se o Sado, embora muito assoreado, continua mansamente o seu percurso para o mar, o mesmo já não acontece com as construções muçulmanas. Destas restam apenas alguns fragmentos de muralhas e torres” .

Assim, tanto a alcáçova como a medina e outros elementos importantes das cidades construídas pelos árabes (como era o caso dos arrabaldes, elemento extramuros situado junto ao rio Sado), são pontos históricos que entretanto se perderam e que não é possível contemplar nos dias de hoje.

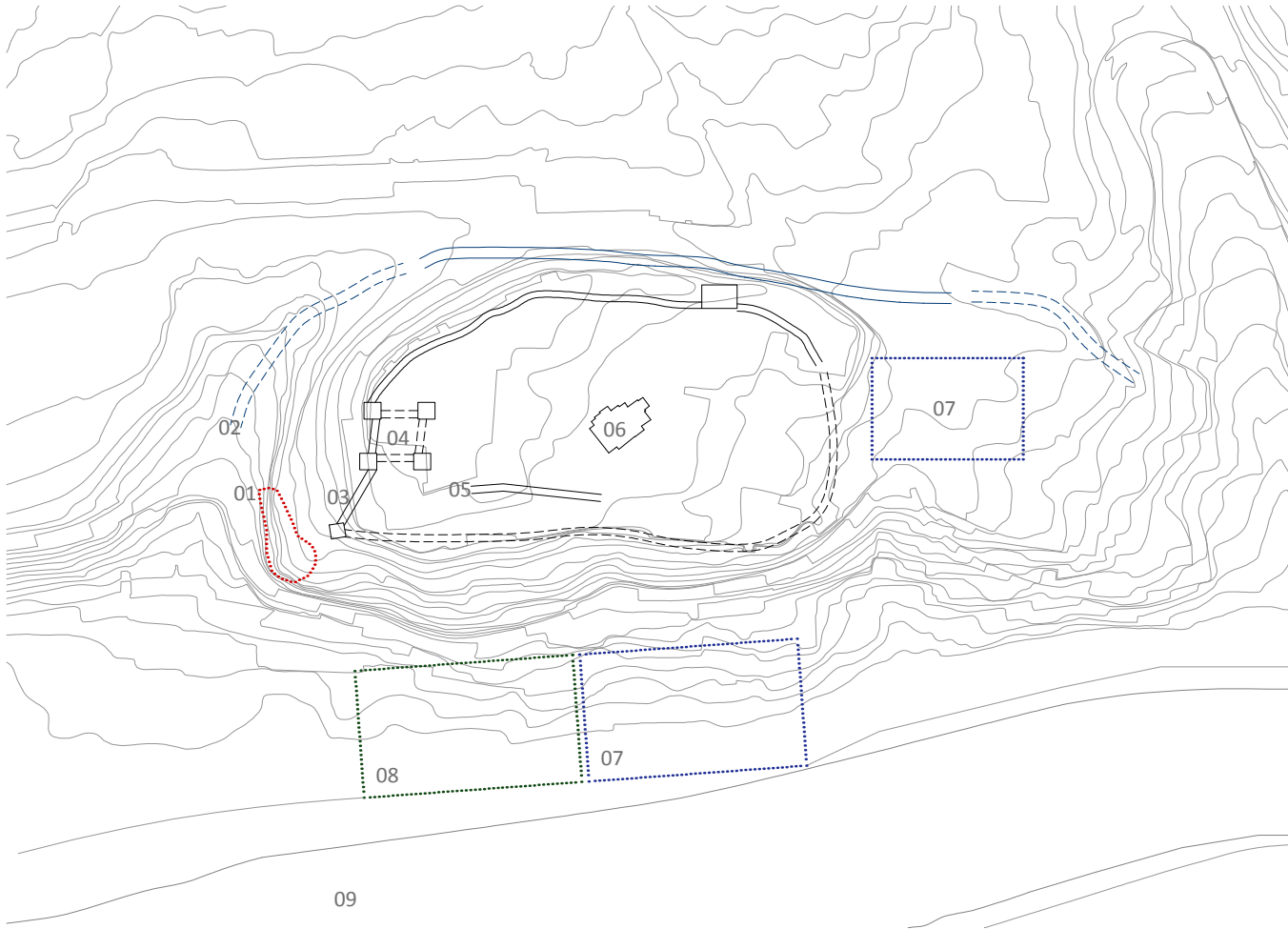
A conquista desta cidade por D. Afonso Henriques no ano de 1158, à qual se seguiu uma reconquista cristã, haveria de se tornar definitiva no reinado de D. Afonso II, quando os árabes foram definitivamente expulsos da região. Nos séculos que se seguiram, a cidade de Alcácer do Sal continuou a ser uma localidade importante, tanto devido à comercialização de

produtos como o sal, como à sua proximidade com portos de onde poderiam partir navios para as expedições realizadas no início do período que é conhecido por Descobrimentos.

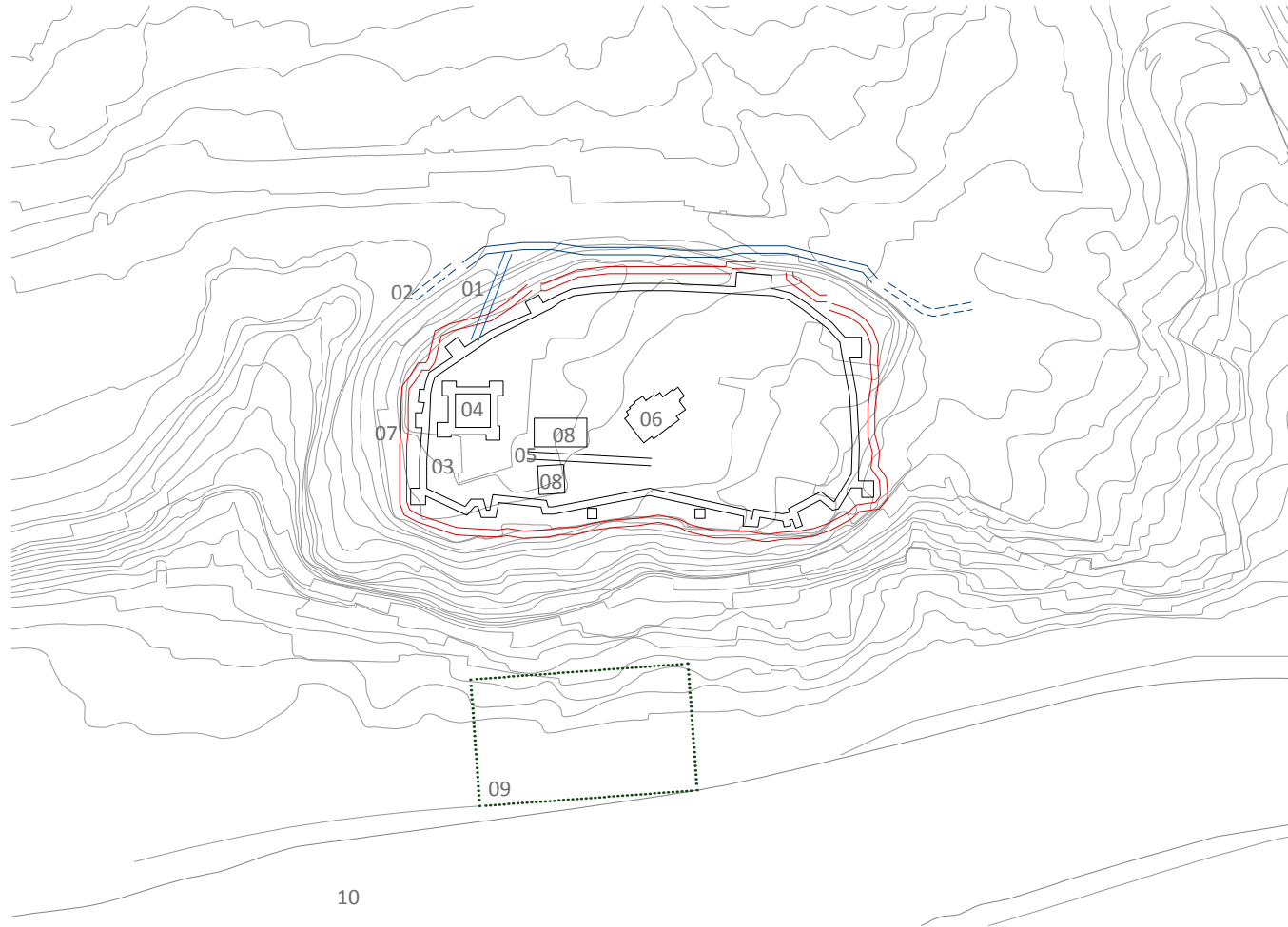
Apesar da imensa riqueza patrimonial que entretanto se perdeu, é importante que o projecto não esqueça o mais importante monumento da cidade. O castelo de Alcácer do Sal é, ainda hoje, uma das principais atracções turísticas da cidade, e presume-se que a sua construção terá ocorrido por volta do século XII d.C. Esta edificação encontra-se situada a 60 metros de altitude e, na sua composição original, exibia 30 torres com uma altura máxima de 25 metros. Era precisamente no espaço interior das muralhas da fortificação que ficavam localizados os principais edifícios da época muçulmana, como a alcáçova e a medina. Nas muralhas, encontravam-se também as duas principais portas da cidade, a Porta Nova, volta-



Esquema de Portugal na Época Muçulmana. ESCALA . 1 : 2 500 000



Esquema Estrutura Urbana do Período Islâmico . al-Qasr . Séc. X-XII
ESCALA . 1 : 4000
01 . Necropole
02 . Fosso Defensivo
03 . Recinto Amuralhado
04 . Alcáçova
05 . Mirabe
06 . Mesquita
07 . Arrabalde
08 . Área Portuária
09 . Rio Sado



Esquema Estrutura Urbana do Período Islâmico . al-Qasr . Séc. XII-XIII
ESCALA . 1 : 4000
01 . Couraça
02 . Fosso Defensivo
03 . Recinto Amuralhado
04 . Alcáçova
05 . Mirabe
06 . Mesquita
07 . Barbacã
08 . Zona Habitacional
09 . Área Portuária
10 . Rio Sado

OCUPAÇÃO
ALCÁCER DO SAL . Período Medieval . Séc. XIII - XVI

da para norte, e a Porta de Ferro, voltada para leste. Apesar de, com o passar dos anos, o castelo ter caído em desuso, o facto de este ter sido considerado património da cidade é uma prova de que este é um monumento importante para se conhecer o passado de Alcácer do Sal. Depois da inclusão de um património histórico que tem origem na época dos fenícios, é importante que o percurso pedonal ambicionado incluía também uma passagem por este e outros pontos de Alcácer do Sal, que são uma prova da importância militar que esta cidade já teve nos tempos medievais e, acima de tudo, durante a ocupação por parte dos árabes.

Apesar da importância primordial desta fortificação para a compreensão da evolução histórica da cidade e não obstante o facto de ser este o seu monumento mais conhecido, existem outros pontos notáveis que deverão ser também destacados durante o percurso

pedonal. Entre os pontos que também devem ser destacados encontram-se: os vestígios arqueológicos da cripta que foi criada com o intuito de salvaguardar e exibir diversos vestígios históricos encontrados durante obras de restauro feitas no castelo de Alcácer do Sal, o fórum romano, cujos vestígios arqueológicos foram encontrados durante escavações realizadas junto da fortificação. A juntar a estes locais de interesse, encontram-se ainda outros pontos importantes, muitos deles construídos noutras épocas, mas que são bastante relevantes para um conhecimento completo do património da cidade. Fala-se de monumentos como a Igreja de Santiago ou a Igreja de Santa Maria do Castelo, também conhecida como Igreja Matriz de Alcácer do Sal.



- Esquema Estrutura Urbana do Período Medieval . Séc. XIII-XVI
ESCALA . 1 : 4000
01 . Postigo
02 . Porta Nova
03 . Torre Oitava
04 . Porta de Ferro
05 . Postigo Velho
06 . Torre do Relógio
07 . Torre Almóada
08 . Paço
09 . Convento
10 . Igreja de Santa Maria
11 . Caminho dos Mártires
12 . Rua dos Açougues
13 . Ladeira da Fonte Nova
14 . Rua Direita
15 . Igreja de São Lázaro
16 . Rio Sado

SISTEMA
ALCÁÇER DO SAL

Planta de Localização Alcácer do Sal . ESCALA . 1 : 6000

- 01 . Igreja do Senhor dos Mártires
- 02 . Castelo de Alcácer do Sal
- 03 . Igreja de Santiago

Planta de Implantação Alcácer do Sal . ESCALA . 1 : 1000

- 01 . Rua Bom Jesus do Mártires
- 02 . Rua do Convento de Aracoelli
- 03 . Entrada Oeste Castelo
- 04 . Pousada D.Afonso II
- 05 . Vestígios Arqueológicos . Cripta
- 06 . Proposta . Acessos Pedonais
- 08 . Proposta . Bancos e Placar Informativo
- 09 . Igreja de Santa Maria do Castelo
- 10 . Vestígios Arqueológicos . Torre Almóada
- 11 . Vestígios Arqueológicos . Zona Habitacional
- 12 . Entrada . Rua das Torres
- 13 . Largo dos Açougues
- 14 . Entrada . Rua do Castelo
- 15 . Calçada da Fonte Nova
- 16 . Largo da Tipografia
- 17 . Rua das Douradas
- 18 . Rua Marquês de Pombal
- 19 . Largo Campo Valdez
- 20 . Igreja de Santiago



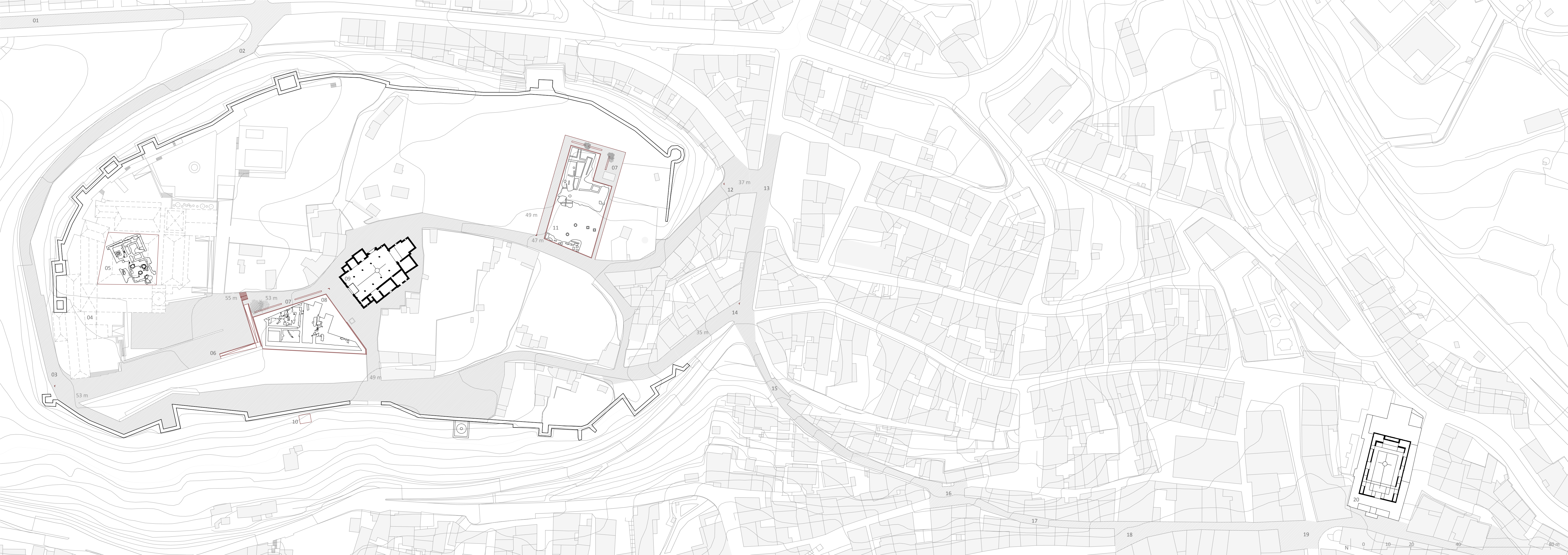


fig.65. Vestígios Arqueológicos . Cripta . Alcácer do Sal
fig.66. Vestígios Arqueológicos . Forum . Alcácer do Sal
fig.67. Vestígios Arqueológicos . Zona Habitacional . Alcácer do Sal
fig.68. Largo dos Açougues . Alcácer do Sal
fig.69. Calçada da Fonte Nova . Alcácer do Sal
fig.70. Rua das Douradas . Alcácer do Sal
fig.71. Rua Marquês de Pombal . Alcácer do Sal
fig.72. Largo Campo Valdez . Alcácer do Sal
fig.73. Igreja de Santiago . Alcácer do Sal

- Corte Proposta Alcácer do Sal . ESCALA . 1 : 300
- 01 . Museu
 - 02 . Igreja de Aracoeli
 - 03 . Vestígios Arqueológicos . Cripta
 - 04 . Pousada D.Afonso II
 - 05 . Proposta . Acessos Pedonais
 - 06 . Vestígios Arqueológicos . Forum
 - 07 . Proposta . Bancos
 - 08 . Proposta . Placar Informativo
 - 09 . Igreja de Santa Maria do Castelo
 - 10 . Vestígios Arqueológicos . Zona Habitacional
 - 11 . Edifício Existente Zona de Apoio aos Vestígios Arqueológicos



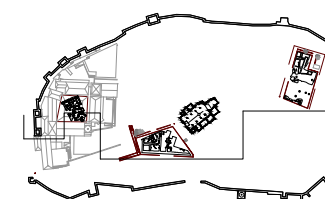


fig.74. Santa Catarina de Sítimos



SISTEMA
FEITORIA FENÍCIA . ALCÁCER DO SAL . SANTA CATARINA DE SÍTAMOS



Feitoria Fenícia de Abul

“Salus Per Aquam”

Alcácer do Sal

Santa Catarina de Sítimos

N

0

1

2

4 km



Para além da época mais antiga dos fenícios e dos acontecimentos da ocupação árabe e resto da Idade Média, outra época especialmente relevante para a região foi a da sua habitação por parte dos romanos. Nesta altura, a zona de Alcácer do Sal conheceu um grande desenvolvimento comercial e cultural, que se ficou a dever ao facto de os romanos terem utilizado as potencialidades dos portos naturais da região como forma de entrar em contacto com locais distantes. Na época da ocupação romana, esta região teve o nome de Salácia, o que se terá ficado a dever à abundância do importante recurso natural que é o sal. Contudo, acerca da ocupação romana em Alcácer do Sal, o que mais nos importa reflectir é a sua presença na pequena Vila de Santa Catarina de Sítimos, perto da qual se encontram os seus vestígios. Esta localidade apresenta um núcleo que é bastante antigo e

cuja origem remontará ao século XIII, como se pode concluir através da igreja local, que já foi importante em diversos momentos da história da região. No século XVIII, por exemplo, Santa Catarina de Sítimos era sede de freguesia e tinha no seu território 48 herdades e 152 fogos, doze dos quais se encontram localizados junto da igreja. A ocupação romana de que falamos é limitada a norte por uma estrada, a sul por uma zona florestal e a este e oeste pelos dois núcleos habitacionais de Santa Catarina de Sítimos. Apesar de os estudos arqueológicos não serem ainda suficientes para que se definam devidamente as diferentes fases da ocupação romana, é ainda possível tirar algumas conclusões. Assim, a ocupação romana terá aparentemente conhecido a sua fundação em meados de I d.C., o que se pode concluir através da existência de um espaço de culto dedicado à deusa Vénus e que

fig.76. Pórtico do Palácio de Comares Reflectido na Água .
Alhambra

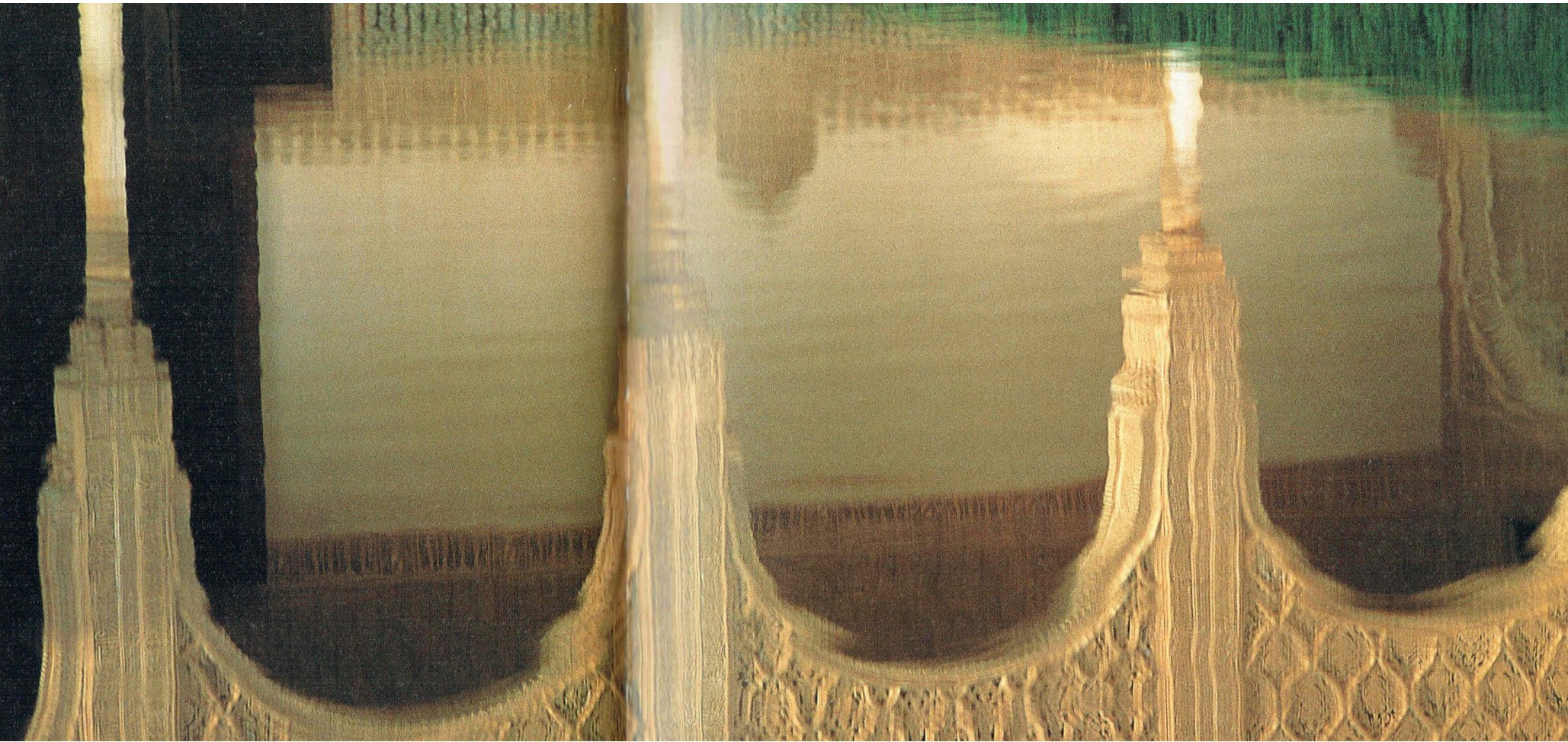


fig.77. Bebedouro . Alhambra .
fig.78. Patio del Mexuar . Alhambra
fig.79. Corrimão Escavado . Alhambra
fig.80. Pormenor Fonte no Generalife . Alhambra
fig.81. Pormenor Fonte no Generalife . Alhambra
fig.82. Pormenor Fonte no Generalife . Alhambra

terá sido utilizado até meados do século II ou III d.C. Outras construções da ocupação incluem uma piscina que aparentemente terá sido utilizada até ao século IV d.C. O destino da região depois da ocupação romana é ainda pouco conhecido, mas é possível dizer que, por volta dos séculos VIII ou IX, terão ali existido ocupações humanas, ainda que em contornos acerca dos quais pouco se sabe.

A proposta de umas termas para a Vila de Santa Catarina de Sítimos juntamente com o percurso arqueológico, apresenta uma oportunidade de regeneração do património e do território. O projecto é salientado por a forte relação com a água, a norte o Rio Sado e passando pela vila o canal de água construído pelo homem para rega dos terrenos agrícolas que abraça o sistema do projecto, alimentando-o. O que se pretende é a criação de um edifício termal, que terá o nome de Banhos de Salácia e que poderá

proporcionar aos visitantes uma experiência sensorial ainda mais enriquecida. Tal como em todas as estâncias, o seu objectivo será o de criar um espaço em que seja possível vivenciar uma forte relação com o território através de um elemento que nele é particularmente importante: a água. Assim, esta experiência sensorial deverá ser capaz de unir a preocupação com a saúde do corpo e a da mente, oferecendo um local de tranquilidade e os cuidados com a saúde são parte integrante.

No contexto deste projecto, não só é importante focar a atenção sobre os Banhos de Salácia, mas também a forma como estas termas podem acarretar um conjunto de informação sobre a sociedade, revelando memórias do passado, pois não deve ser esquecida a importância que espaços como este adquiriram na época da civilização romana.

Neste âmbito, é importante evocar a obra de Sieg-

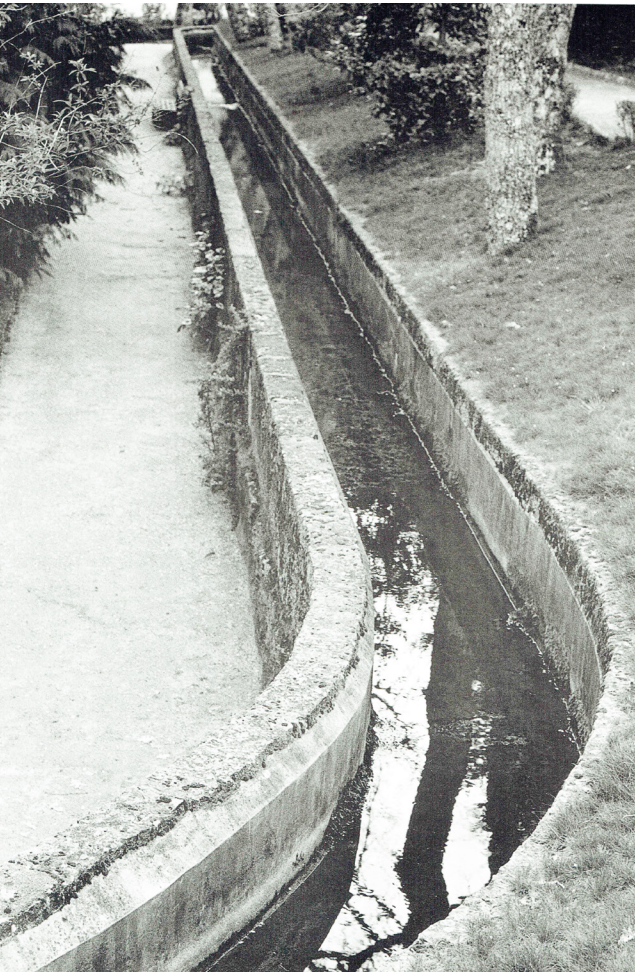


fried Giedion, que defende que edifícios termais como os Banhos de Salácia são relevantes para a compreensão de uma sociedade e a forma como esta se encontra ordenada e organiza a sua vida social. “The bath and its purposes have held diferente meanings for diferente ages. The manner in wich a civilization integrates bathing within its life, as well as the type of bathing it prefers, yelds searching insight into the inner nature of the period” .

Assim, para este autor torna-se necessário que este tipo de edifícios seja deviamente enquadrado e analisado para que se compreendam os rituais, costumes e as normas sociais que fazem parte de uma dada sociedade. O local que é escolhido para a construção dos banhos, bem como as suas características específicas e a forma como eles se relacionam com o resto da sociedade, reflectem bastante o contexto social em que a construção surge. No caso

dos romanos, como refere o mesmo autor, esta civilização conheceu um desenvolvimento da utilização dos banhos que levou a que estes adquirissem um carácter público, sendo construídos diversos edifícios com este fim, que deveriam ser utilizados por toda a comunidade e que levaram a que os banhos privados perdessem a sua importância. Esta ideia de banhos públicos, que deveriam ser utilizados por toda a comunidade, revela assim uma sociedade em que os cuidados a tomar com o corpo e a higiene fundamental parece ser encarada como algo suficientemente importante para dizer respeito a toda a comunidade. Não é à esfera privada que estes cuidados pertencem, mas sim ao espaço público. Referindo novamente Giedion, tal revela, sem dúvida, muitos aspectos acerca da concepção que os romanos faziam das fronteiras entre a esfera do público e do privado, como a forma como viam o corpo humano

fig.83. Parque das Termas de Carvalhelhos . Caldas Santas de Carvalhelhos . Beça
fig.84. Piscina Interior . Caldas da Rainha
fig.85. Tratamento com lamas Termais . Termas do Vale dos Cucos . Torres Vedras



e questões que noutras civilizações são tidas como pertencentes ao foro íntimo. Outro autor ainda, Bernard Rudofsky, explorou também a importância dos hábitos da alimentação e higiene dentro de uma sociedade e cultura, evocando, também ele, o papel que os banhos públicos e os rituais que eles encerram tiveram em diferentes épocas e civilizações. Segundo este autor, os banhos em conjunto foram, em diversas civilizações (incluindo na Idade Média e no Japão), um momento em que poderia estar presente uma ideia de convívio, sendo dessa maneira possível concluir que sociedades em que tal sucedia a visão do corpo humano e suas imperfeições era mais naturalmente aceite a diversos níveis sociais e culturais.

Terminar o percurso pedonal nos Banhos de Salácia representa uma oportunidade de dar aos visitantes, durante o seu processo de caminhar e descoberta,

a possibilidade de estes entrarem em contacto com um espaço dedicado ao corpo e a mente, criado para transmitir experiências sensoriais. Mais do que isso, elevar-se ainda a oportunidade de entrar em contacto com um costume que era típico da época dos romanos: a experiência de uma estância termal que, em muitos aspectos, evoca aquilo que poderia ter lugar no século I d.C., na altura em que a zona era habitada por uma civilização totalmente díspar.

fig.86. Banho de Imersão . Termas das Furnas . Açores
fig.87. Vista do Parque . Termas São Pedro do Sul . Viseu
fig.88. Tratamento de Hidroterapia . Termas do Luso . Várzea
fig.89. Piscina Exterior . Termas das Furnas . Açores
fig.90. Tratamento no duche . Termas do Luso . Várzea



TERMAS DE VALS
Peter Zumthor



fig.91. Esboço . Termas de Vals . Arq. Peter Zumthor . Suíça
fig.92. Vista Interior . Termas de Vals . Arq. Peter Zumthor . Suíça
fig.93. Piscina Exterior . Termas de Vals . Arq. Peter Zumthor . Suíça

O projecto que levou à construção das termas de Vals relaciona-se com este último ponto que foi abordado e remete para a importância dos edifícios termais e balneários para a compreensão da forma como uma sociedade se encontra organizada. Assim, a construção destas termas foi elaborada por Peter Zumthor no ano de 1996 e estava relacionada com o hotel/spa das termas de Vals. Este hotel foi construído sobre as únicas fontes termais que existem no cantão suíço de Grisões, e com ele Zumthor tentou criar um espaço que produzisse uma experiência sensorial única para os seus visitantes. O ponto mais relevante deste hotel é construído por espaços que foram projectadas com a ideia de criar uma estrutura semelhante à forma de uma caverna ou pedreira. Tendo em conta o meio envolvente, bem como as pedras de quartzito que se encontram em abundância na região de Vals, o ar-

quitecto construiu estas termas a partir de camadas destas pedras. Trata-se, portanto, de um projecto que procura aproveitar as características naturais existentes num local e acrescentar-lhe uma construção que contribua para uma experiência perceptual rica. O espaço está caracterizado por uma combinação de luz e sombra, de espaços abertos e fechados, bem como de outros elementos que têm por fim o de criar esta experiência única. Os percursos dentro das termas e a forma como eles estão construídos procuram conduzir o visitante por um determinado caminho, focando alguns pontos ou áreas. Aquilo que Zumthor oferece aos visitantes é uma perspectiva controlada por ele, que permite ou impede uma determinada vista e que assim condiciona a experiência de cada um. O que se cria neste local é um espaço que adquire uma dimensão mística devido à sua proximidade com a montanha e as características acústicas e lu-

minosas deste lugar. Foram também construídas salas de pedra, que se adequam ao meio envolvente da região montanhosa e constroem um conjunto de significados e experiências para os visitantes. A obra de Zumthor revela-se, assim, um verdadeiro exemplo de como é possível criar um espaço dedicado ao usufruto de banhos termais, que se traduz num local capaz de proporcionar uma experiência sensorial que coloca o visitante em sintonia com a paisagem em que o edifício se insere. Este projecto pode, ser inspirador para os “Banhos da Salácia”, situado entre as antigas ruínas de uma vila romana em Santa Catarina de Sítimos.



LIMITES ARQUEOLÓGICOS
SANTA CATARINA DE SÍTIMOS

fig.94. Vista Aérea . Santa Catarina de Sítimos . Adriana Morgado
. 15 Janeiro 2016
01 . Entrada na Vila de Santa Catarina de Sítimos
02 . Espaço Público
03 . Parque Infantil
04 . Largo da Creche
05 . Igreja
06 . Largo da Igreja
07 . Cemitério
08 . Campos de Futebol
09 . Zona delimitada de Escavações Arqueológicas

O grande sistema territorial que engloba também a Feitoria Fenícia e Alcácer do Sal chega a Santa Catarina de Sítimos após um percurso de cerca de 30 KM, sendo neste local que a água adquire um papel fulcral num sistema fechado. O percurso periférico delimita aquilo que se considera como o grande campo arqueológico que até agora foi escavado. O sistema é marcado por dois edifícios, aquele que se encontra à chegada do percurso pedonal (a Mãe de água) e o edifício das Termas, que se avista à chegada pela entrada viária. Os dois edifícios rematam o sistema, ao passo que o percurso, que delimita o campo arqueológico, serve também como rede abastecedora do sistema das águas. Os dois temas mais importantes são o circuito de água e a arqueologia, sendo o caminho o verdadeiro elemento deste paralelismo, tanto ideológico quanto físico, à superfície o percurso cir-

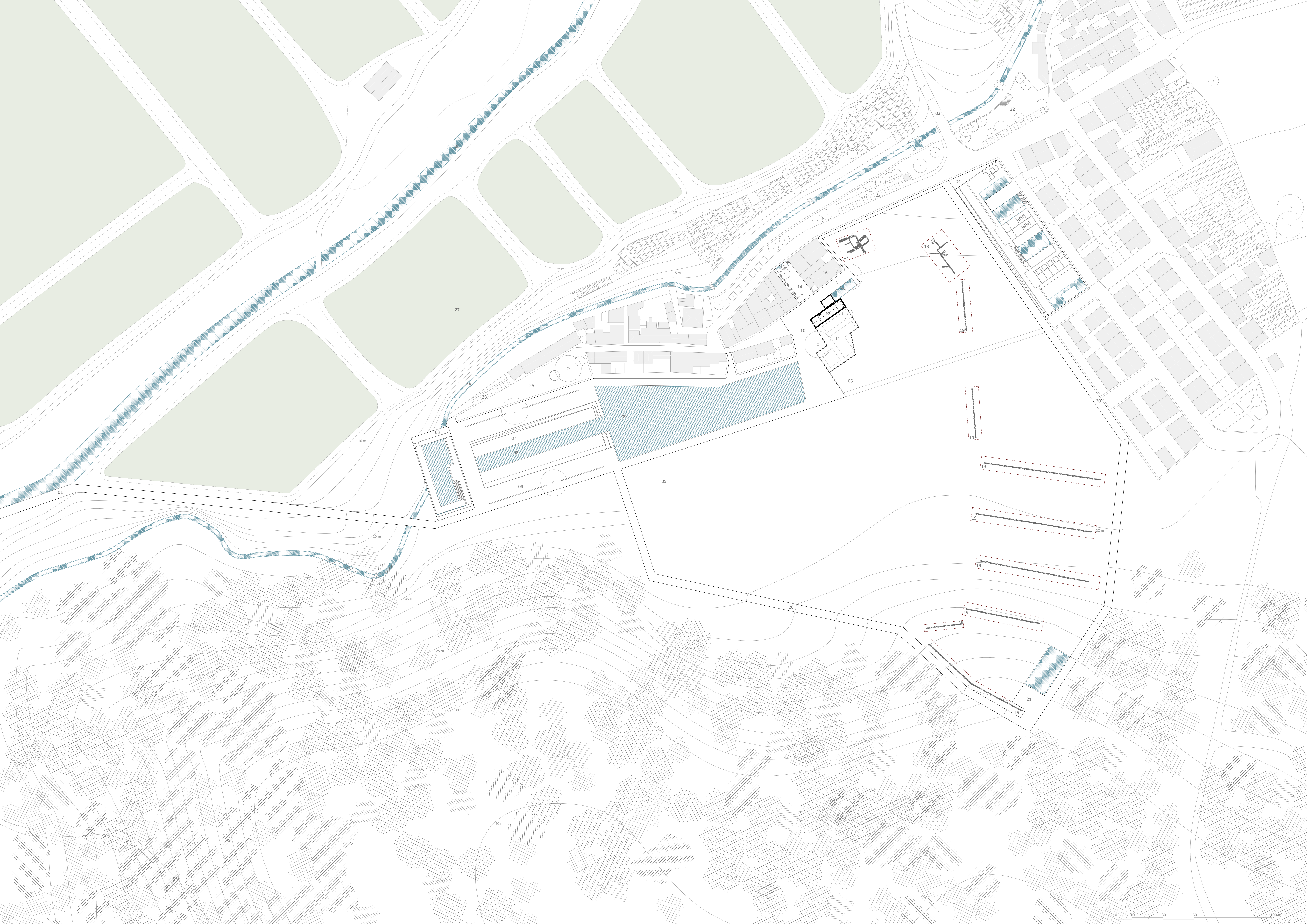


IMPLANTAÇÃO
PROJECTO

- Planta Proposta Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 1000
- 01 . Entrada Pedonal na Vila de Santa Catarina de Sítimos
 - 02 . Entrada Viária na Vila de Santa Catarina de Sítimos
 - 03 . Proposta . Edifício Mãe de Água
 - 04 . Proposta . Edifício Termas | Depósito Arqueológico
 - 05 . Campo Arqueológico
 - 06 . Proposta . Espaço Publico . Cota 16 m
 - 07 . Proposta . Espaço Publico . Cota 10 m
 - 08 . Espelho de Água . Cota 10 m
 - 09 . Espelho de Água . Cota 16 m
 - 10 . Proposta . Largo Igreja
 - 11 . Cemitério
 - 12 . Igreja de Santa Catarina
 - 13 . Proposta . Espelho de Água . Cota 19 m
 - 14 . Proposta . Largo Creche . Cota 18 m
 - 15 . Proposta . Espelho de Água . Cota 17 m
 - 16 . Creche
 - 17 . Vestígios Arqueológicos . Estrutura Termal
 - 18 . Vestígios Arqueológicos . Muros e Pavimentações
 - 19 . Vestígios Arqueológicos . Muro
 - 20 . Proposta . Caminho Perimetral
 - 21 . Proposta . Casa de Fresco
 - 22 . Espaço Publico
 - 23 . Estacionamento
 - 24 . Hortas
 - 25 . Proposta . Largo
 - 26 . Canal alimentado pela Barragem Pego do Altar
 - 27 . Arrozaís
 - 28 . Afluente Rio Sado

cunscreve esta área arqueológica sendo que é a 4m de profundidade que corre, ao longo de todo o seu perímetro um canal que alimenta todos os tanques e espelhos de água. Por sua vez esta rede é alimentada pelo canal de água existente, que é abastecido pela barragem do Pego do Altar e que serve, como já foi explicado, para regar todos os campos agrícolas. O projecto será implantado num quarteirão que se encontra na entrada viária de Santa Catarina de Sítimos, o que faz com que este seja o primeiro edifício que o visitante vê ao chegar à localidade. O edifício proposto ocupa a totalidade do quarteirão e pretende enquadrar-se na lógica do espaço ali existente. Os banhos de Salácia dividem-se em três espaços principais: público, arquivo arqueológico e de termas. O objectivo deste edifício é o de levar a redescobrir os benefícios da água. Pretende ser um espaço que convida à introspecção, demarcando-se da experiência

sentida ao longo do resto do percurso. Ao longo do sistema, as relações com os elementos da paisagem e os monumentos são uma constante e pretendem dar origem a uma experiência sensitiva digna de nota.



CORTES TERRITORIAS
PROJECTO

fig.95. Zona de Mata . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.96. Arrozaís . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.97. Vestígios Arqueológicos . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.98. Canal de Água . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.99. Vista da Rua do Comércio . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.100. Vista da Rua do Comércio . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.101. Largo . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.102. Largo Igreja . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.103. Igreja . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.104. Largo da Creche . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.105. Vestígios Arqueológicos . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016
fig.106. Rua da Creche . Santa Catarina de Sítimos . 15 Janeiro 2016

Corte a a' Proposta Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 1500
01 . Afluente Rio Sado
02 . Arrozaís
03 . Hortas
04 . Canal alimentado pela Barragem Pego do Altar
05 . Rua da Creche
06 . Proposta . Espelho de Água . Cota 16 m
07 . Proposta . Largo Creche . Banco
08 . Proposta . Rampa
09 . Creche de Santa Catarina
10 . Igreja de Santa Catarina
11 . Cemitério
12 . Campo Arqueológico
13 . Proposta . Casa de Fresco . Espelho de Água . Cota 16 m
14 . Proposta . Canal alimentado pela Mãe de Água
15 . Proposta . Casa de Fresco . Zona Coberta

Corte b b' Proposta Santa Catarina de Sítimos . ESCALA . 1 : 1500
01 . Proposta . Caminho Pedonal

Proposta . Edifício Mãe de Água
02 . Galeria Perimetral
03 . Espaço Exterior Coberto
04 . Tanque de Água
05 . Espaço Coberto de acesso ao Jardim de Água Cota 10 m

06 . Proposta . Espaço Público . Cota 16 m
07 . Proposta . Espaço Público . Cota 10 m
08 . Proposta . Rampa de Acesso . Cota 16 m _ 10 m
09 . Proposta . Espelho de Água . Cota 10 m
10 . Proposta . Mobiliário Urbano
11 . Proposta . Cacata de Água da Cota 16 m _ 10 m
12 . Proposta . Espelho de Água . Cota 16 m
13 . Igreja de Santa Catarina
14 . Proposta . Caminho Perimetral Pedonal
15 . Vestígios Arqueológicos . Estrutura Termal
16 . Proposta . Caminho Perimetral Pedonal

Proposta . Edifício Banhos de Salácia
17 . Rampa de acesso ao repositório arqueológico
18 . Espaço de Entrada Coberto
19 . Repositório Arqueológico
20 . Galeria de Distribuição
21 . Espelho de Água
22 . Espaço Público
23 . Entrada Cafeteria
24 . Escadas de Acesso Piso Térreo
25 . Rua 1ª de Maio

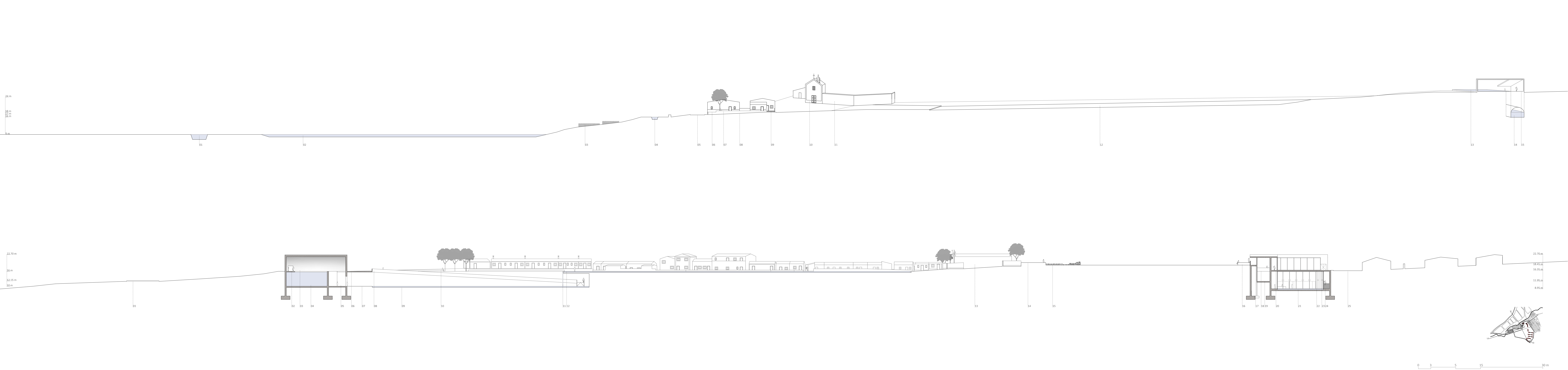




fig.107. Vista Interior . Reservatório Mãe de Água . Jardim das Amoreiras . Lisboa
fig.108. Vista Interior . Reservatório Mãe de Água . Jardim das Amoreiras . Lisboa
fig.109. Vista Interior . Reservatório da Patriarcal . Jardim do Príncipe Real . Lisboa
fig.110. Pormenor . Reservatório da Patriarcal . Jardim do Príncipe Real . Lisboa



“Quando eu tento identificar as intenções que me motivam no processo de projectar edifícios, eu chego à conclusão que os meus temas variam entre o lugar, o material, a energia, a presença, as recordações, as memórias, as imagens, a densidade, a atmosfera, a permanência e a concentração. Durante o curso do meu trabalho, eu tento dar a estes temas abstractos, conteúdos concretos relevantes à cessão afectiva, mantendo na minha cabeça que estou a construir algo que irá fazer parte de uma lugar, parte de uma circundante, que irá ser usado e amado, descoberto e legado, abandonado, e porém até detestado – em suma, que irá ser vivido, no sentido mais amplo.”

Peter Zumthor



EDIFÍCIO MÃE DE ÁGUA
PROJECTO

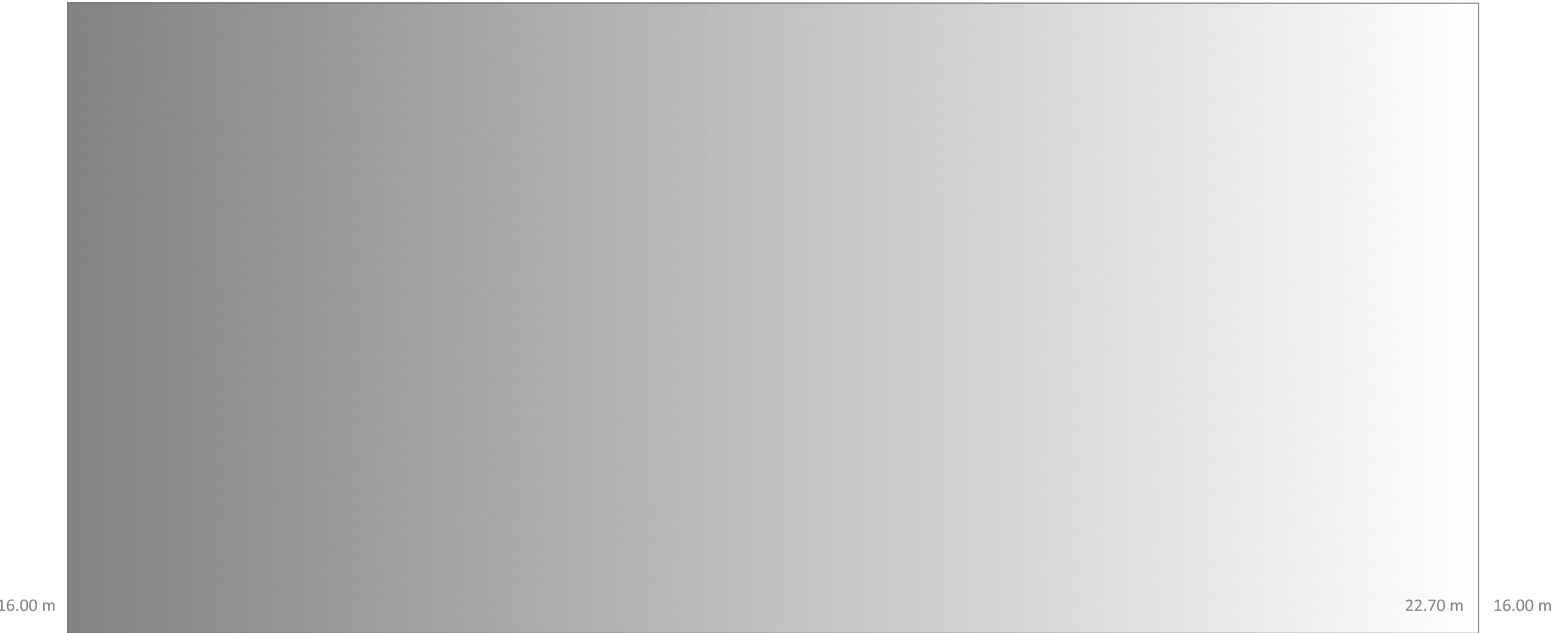
Os Banhos das Termas de Salacia são alimentados através do edifício Mãe de Água.

A sua função é recolher a água do canal existente, e que provem do Rio Sado, num grande reservatório, trata-la e distribuí-la, através de condutas que percorrem, paralelamente por baixo (cota 12m), do circuito arqueológico até as Termas.

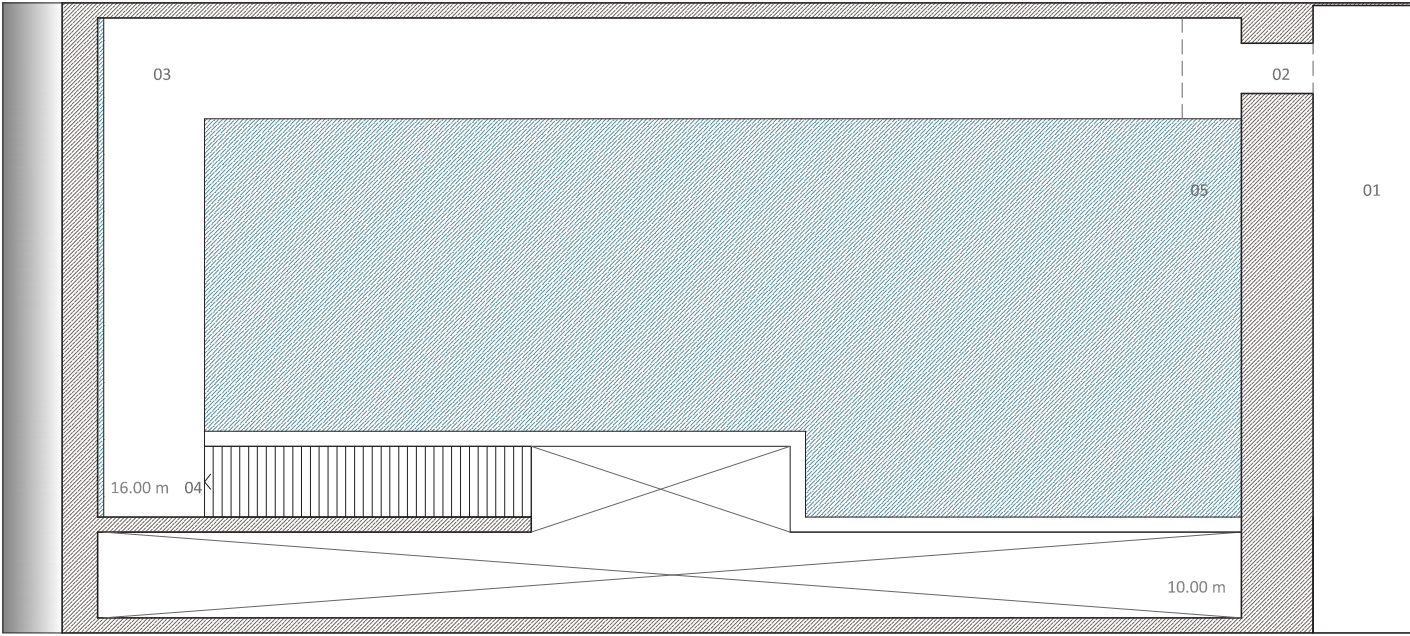
Ao experienciar o percurso pedonal proposto: Feitoria Fenícia _ Alcácer do sal _ Santa Catarina, os visitantes deparam-se com este grande reservatório, um espaço abobadado, com uma galeria perimetral e acesso a um jardim inferior.

A relação com a água é particular, o seu volume e a dimensão do espaço transforma esta experiência em algo único e irrepetível, ao mesmo tempo que torna viável todo o sistema proposto.

Planta de Cobertura . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300



EDIFÍCIO MÃE DE ÁGUA
PROJECTO

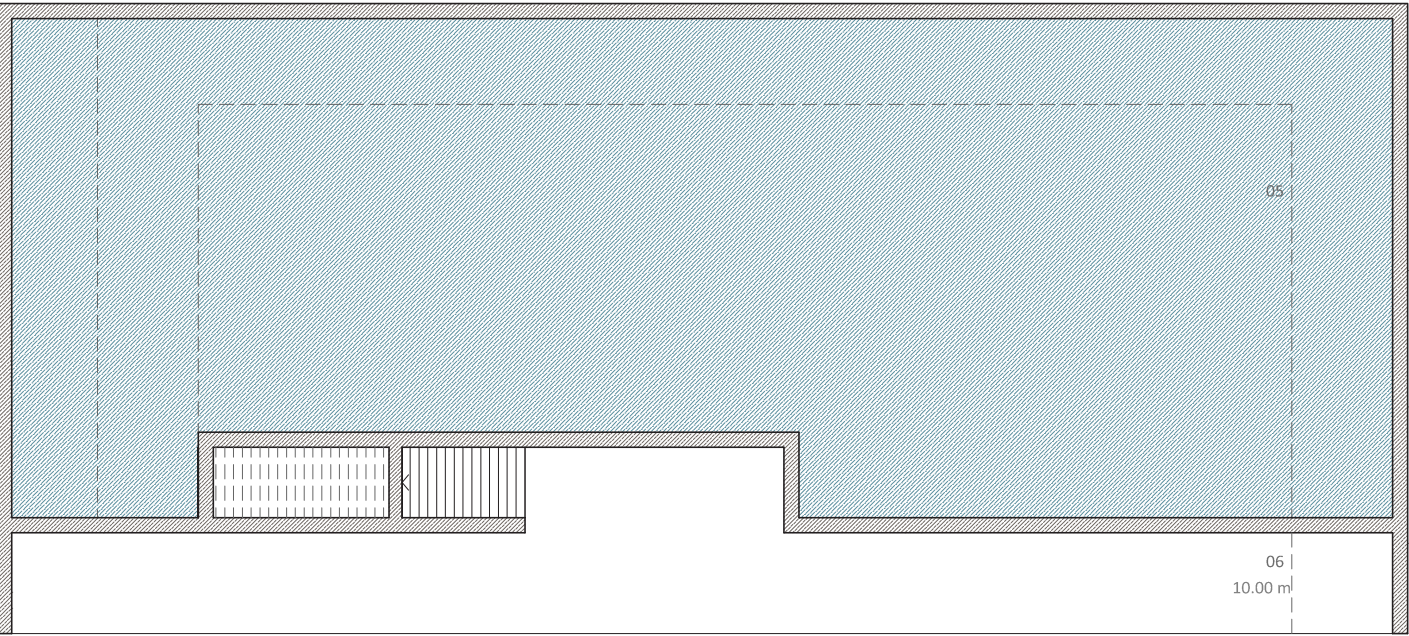


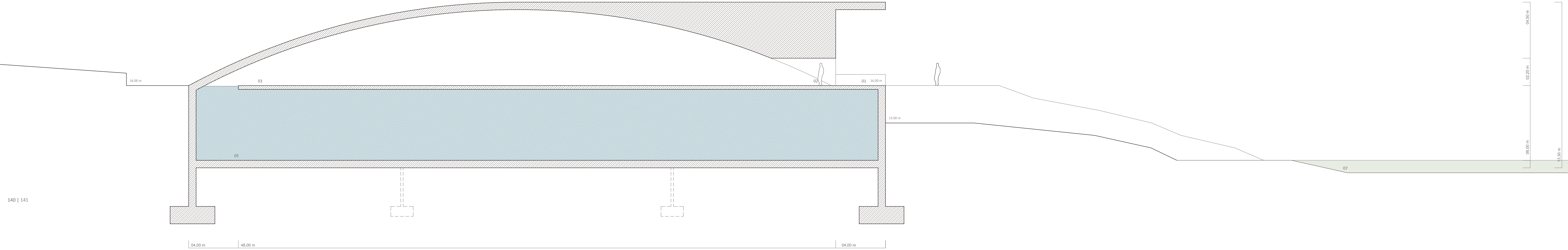
Planta Cota 16M . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

- 01 . Espaço Exterior Coberto . Cota 16 m
- 02 . Entrada Mãe de Água . Cota 16 m
- 03 . Passerelle . Cota 16 m
- 04 . Escadas de acesso ao piso inferior . Cota 10 m
- 05 . Depósito de Água . Profundidade 5.95 m
- 06 . Galeria Coberta de acesso ao jardim . Cota 10 m

Planta Cota 10M . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

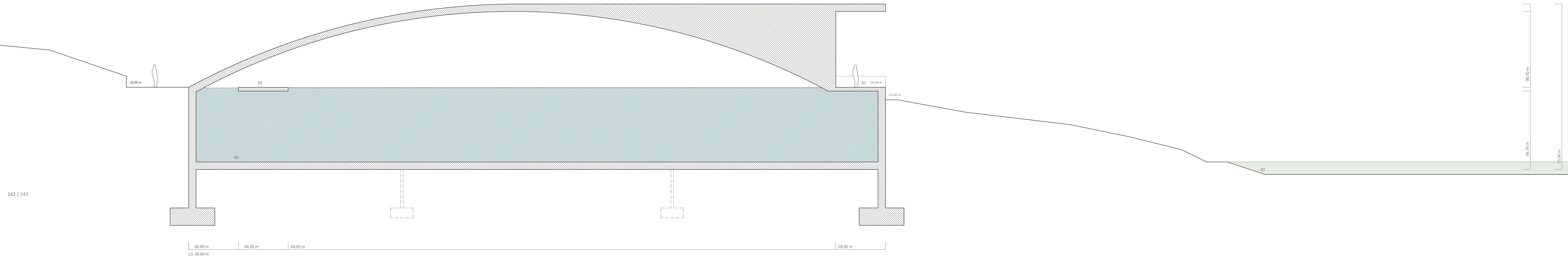
- 05 . Depósito de Água . Profundidade 5.95 m
- 06 . Galeria Coberta de acesso ao jardim . Cota 10 m





Corte Longitudinal aa' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

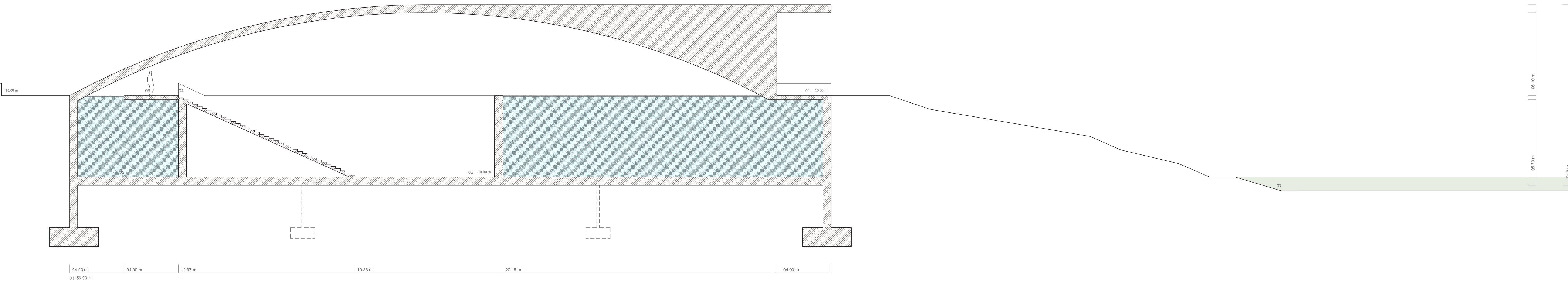




Corte Longitudinal bb' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

- 01 . Espaço Exterior Coberto . Cota 16 m
- 03 . Passerelle . Cota 16 m
- 05 . Depósito de Água . Profundidade 5.95 m
- 07 . Arrozais

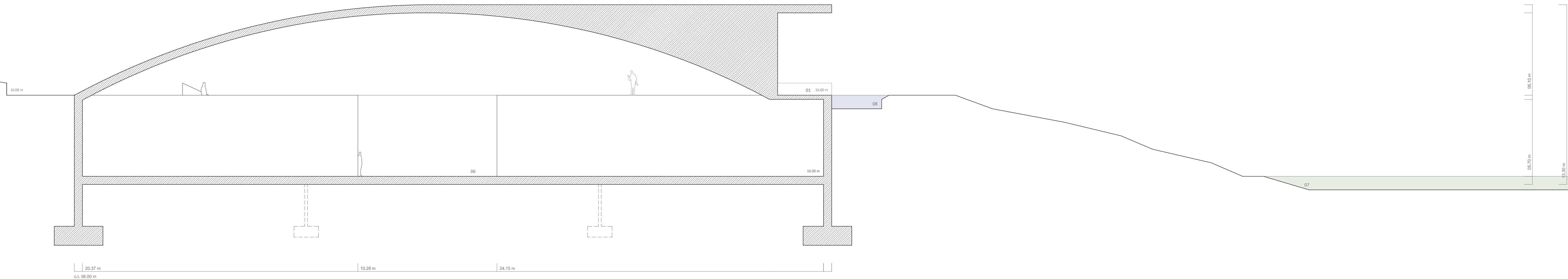




Corte Longitudinal cc' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

- 01 . Espaço Exterior Coberto . Cota 16 m
- 03 . Passerelle . Cota 16 m
- 04 . Escadas de acesso ao piso inferior . Cota 10 m
- 05 . Depósito de Água . Profundidade 5.95 m
- 06 . 06 . Galeria Coberta de acesso ao Jardim . Cota 10 m
- 07 . Arrozais





Corte Longitudinal dd' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

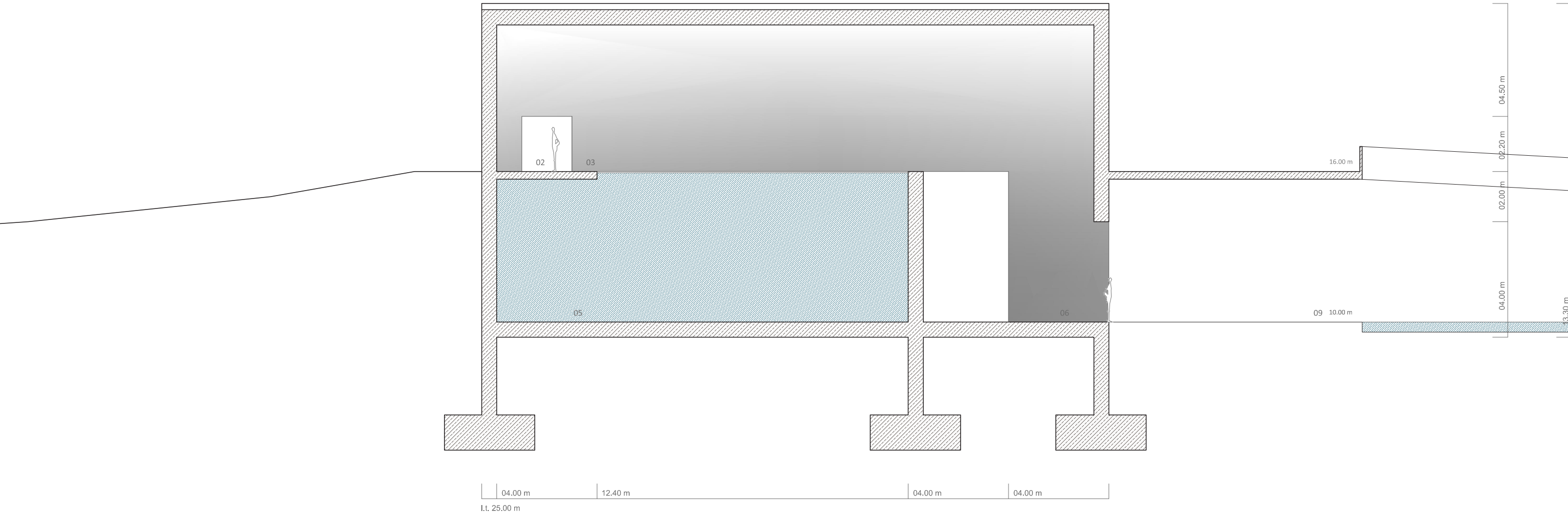
- 01 . Espaço Exterior Coberto . Cota 16 m
- 06 . Galeria Coberta de acesso ao jardim . Cota 10 m
- 07 . Arrozais
- 08 . Canal de Água . Cota 16 m

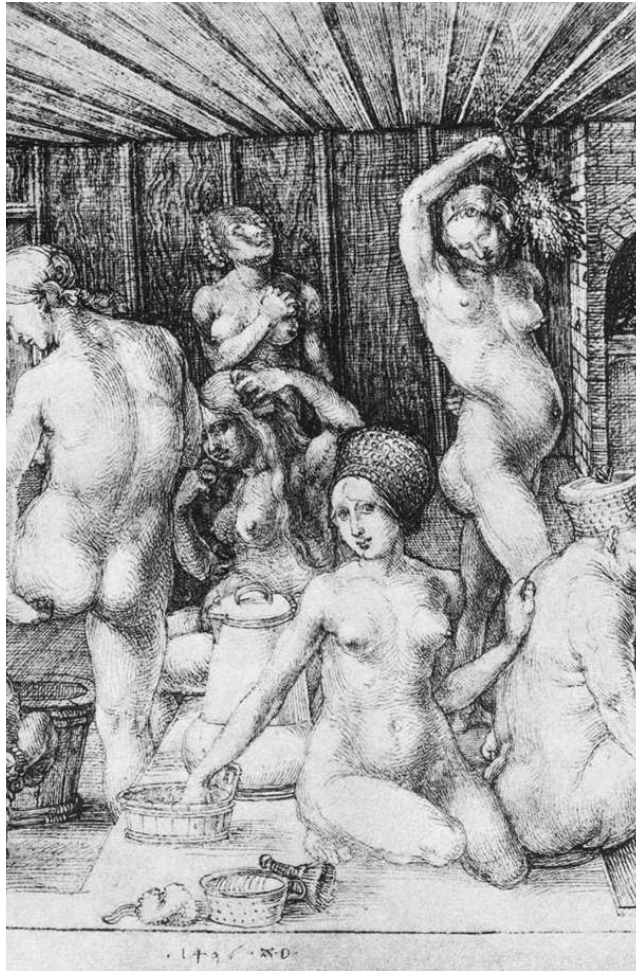
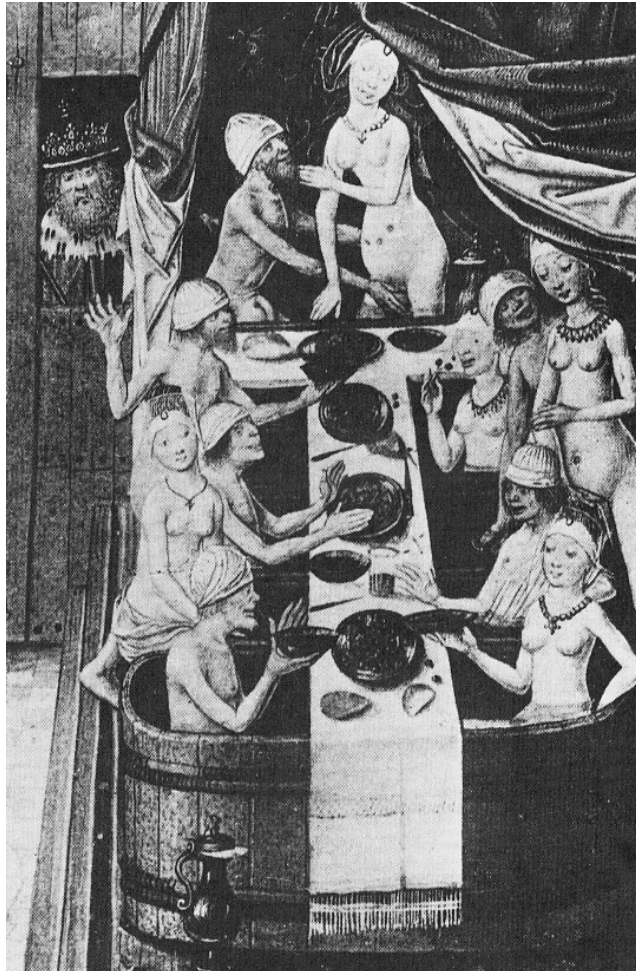
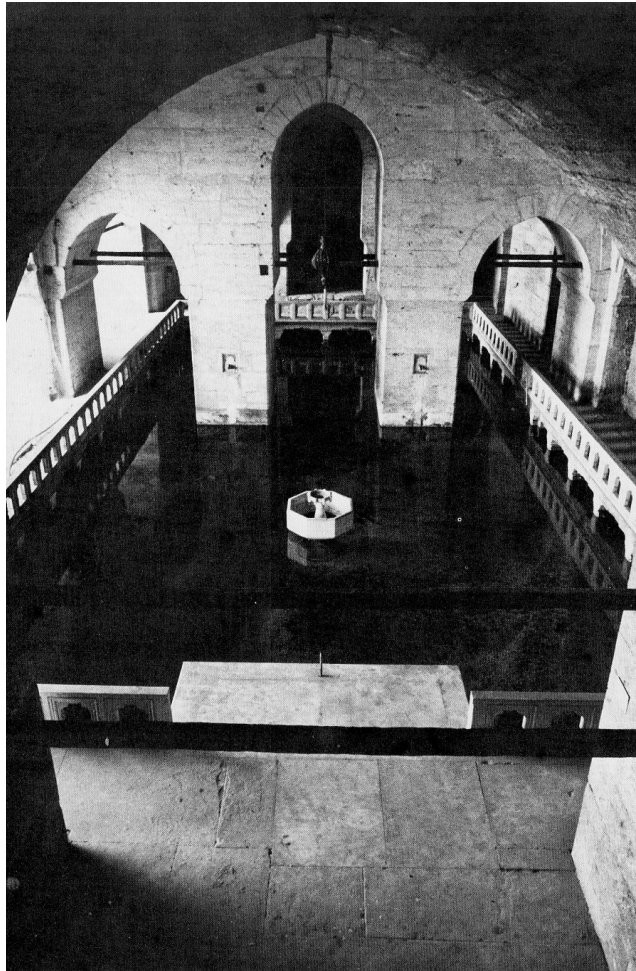


fig.111. Piscina . Palacio Topkapı . Instambul . Turquia . Now I Lay Me Down to Eat
fig.112. Banho com Vista para o mar . Atami . Japão . Now I Lay Me Down to Eat
fig.113. Banho com Turbantes . Now I Lay Me Down to Eat
fig.114. Banquete em 1740 . Now I Lay Me Down to Eat
fig.115. Desenho de Banho de Mulheres . 1496 . Mechanization Takes Command
fig.116. Banho de Vapores Russo . Mechanization Takes Command

Corte Transversal ee' . Mãe de Água . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

02 . Entrada Mãe de Água . Cota 16 m
03 . Passerelle . Cota 16 m
05 . Depósito de Água . Profundidade 5.95 m
06 . Galeria Coberta de acesso ao jardim . Cota 10 m
09 . Espaço Público . Cota 10 m





ESPAÇOS E CIRCULAÇÕES BANHOS SALACIA
PROJECTO

Banhos de Salacia . Espaços . Circulações

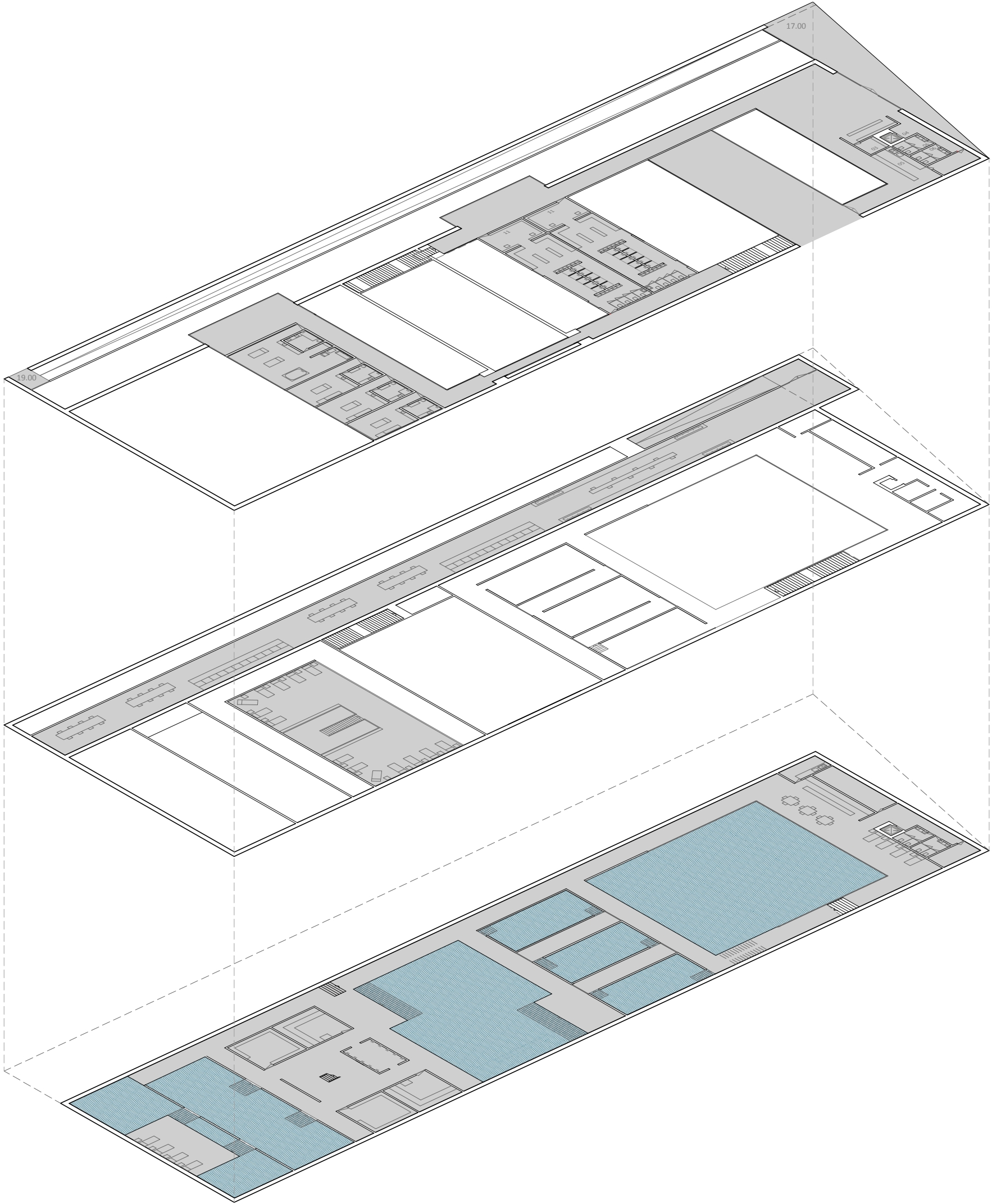
- 01 . Cota 17.00
Recepção
Balneários
Zona de massagens
- 02 . Cota 12.48
Rampa de acesso ao repositório arqueológico
Repositório arqueológico
Zona de Descanso
- 03 . Cota 09.60
Cafetaria
I.S
Galeria A
Zona de Descanso
Espelho de Água
Banho Interior 32°C
Banho Turco
Sauna
Zona de Chuveiros
Banho Exterior 36°C
Banho Primavera 36°C
Banho Verão 42°C
Banho Inverno 14°C

O espaço arqueológico encontra-se à cota 13m e a entrada à cota 19m, sendo independente do restante programa. O espaço da entrada posiciona-se à cota do piso térreo, 17m e permite o acesso às termas, bem como às instalações sanitárias e à cafetaria, pela qual se chega a uma praça interior. Esta última é também acessível a partir da rua (Rua 1º de Maio) e proporciona aos visitantes que não usufruam das termas um momento em que podem ter uma relação forte com a água (espelho de água que se encontra à cota 9.60m).

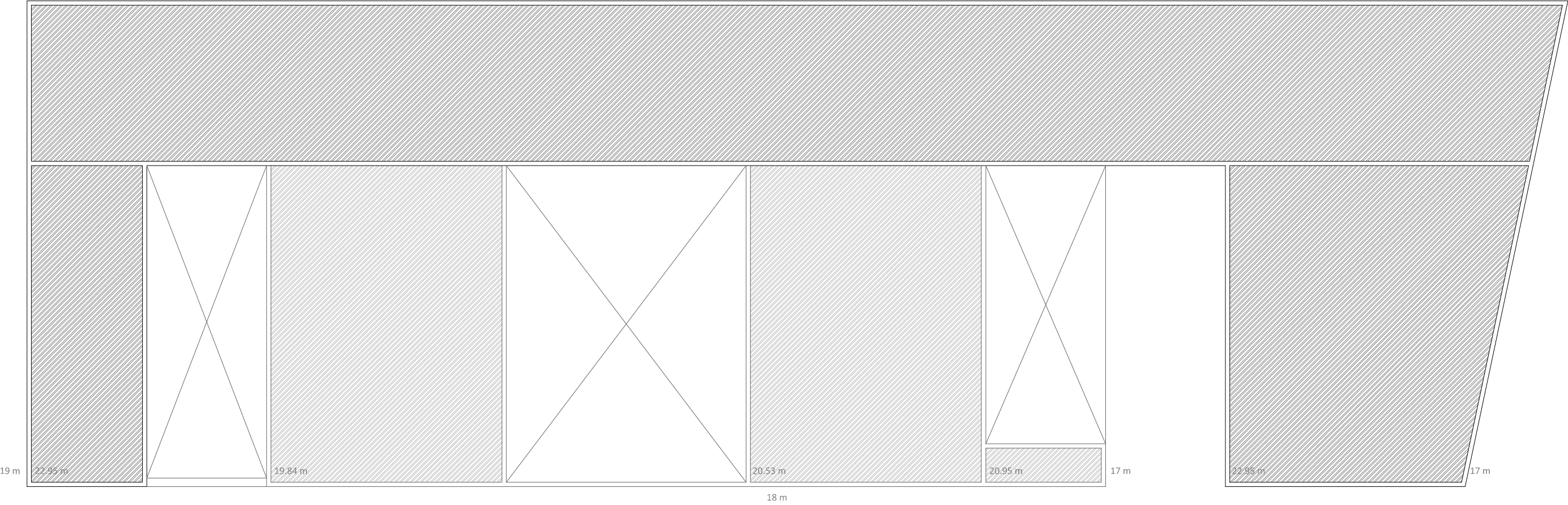
01
19.00
17.00

02
13.00

03
09.60



EDIFÍCIO BANHOS SALACIA
PROJECTO



Planta de Cobertura . Banhos de Salacia . Santa Catarina de Sítios . ESCALA . 1 : 300

EDIFÍCIO BANHOS SALACIA

PROJECTO

Planta Cota 17.00m . Santa Catarina de Sítimo
ESCALA . 1 : 300

01. Entrada Termas . Banhos de Salacia . Cota 17.00 m
02. Recepção
- 03 . Área Técnica
- 04 . Elevador
- 05 . Cafetaria
- 06 . I.S
- 07 . Espaço Público
- 08 . Entrada Cafetaria . Acesso Rua 1ª de Maio
- 09 . Galeria A
- 09' . Galeria A'
- 10 . Mezzanine
- 11 . Balneários
- 12 . Escadas de acesso ao piso inferior . Cota 09.60 m
- 13 . Passerelle
- 14 . Zona de massagens
- 15 . Acesso repositório arqueológico
- 16 . Rampa de acesso ao repositório arqueológico
- 17 . Repositório arqueológico

ESPAÇO ARQUEOLÓGICO. PERCURSO. RELAÇÕES

O espaço arqueológico adquire uma função especialmente importante ao longo deste percurso. Refira-se que este espaço surge graças à necessidade de catalogar e salvaguardar o espólio de escavações arqueológicas, apesar de, numa data futura, este mesmo espaço poder passar a ser também de arquivo, de maneira a ser possível visitar e consultar todos os documentos e peças encontradas.

O percurso periférico do sistema é um elemento fundamental no projecto e é quando encontra o edifício que o remata, com a zona de entrada para as termas e para o espaço arqueológico. A entrada das termas é coberta, encontra-se a Norte, e relaciona-se visualmente com a entrada viária na aldeia.

O edifício tal como todo o projecto tem a ideia de um percurso. Possibilita aos visitantes um momento em que estes podem satisfazer as mais variadas neces-

vidades, ao passo que a galeria oferece uma diversidade de percursos: entrar na galeria A, descer as escadas que atravessam a abobada ou atravessar o balneário e encontrar a galeria A'. É esta galeria que dá acesso às diversas salas de massagens.

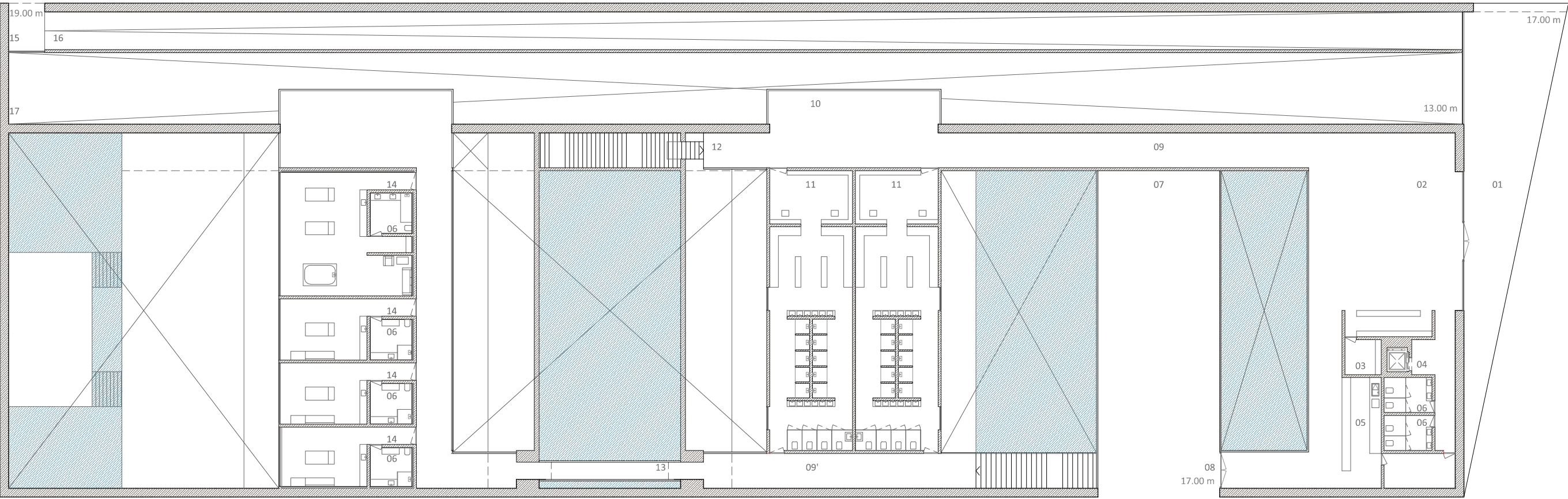
As experiências sensoriais desta visita pretendem ser mais intensas sobretudo nos seguintes pontos:

Mezzanine que abre sobre o espaço arqueológico

Relações visuais entre volumes

Relações visuais com o piso inferior

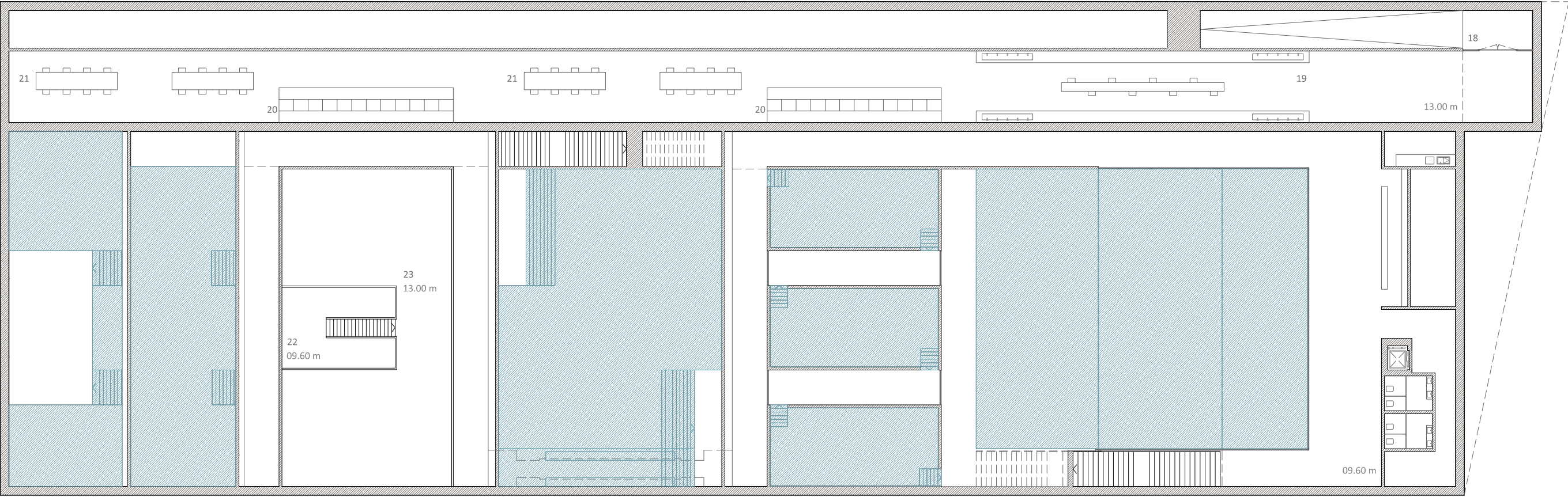
Atravessamento de abobadas



EDIFÍCIO BANHOS SALACIA
PROJECTO

REPOUSO

Este espaço a que se acede através do piso -1 des-
tina-se ao repouso, privilegiando assim o silêncio e
procurando transmitir, através de um pé direito mais
baixo, uma sensação de conforto e protecção.



Planta Cota 13.00m . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

- 18 . Entrada repositório arqueológico . Cota 13.00 m
- 19 . Zona de Limpeza de objectos arqueológicos
- 20 . Zona de Arquivo
- 21 . Zona de Trabalho
- 22 . Zona de Acesso ao piso Intermédio . Cota 09.60 m
- 23 . Zona de Descanso . Cota 13.00 m

EDIFÍCIO BANHOS SALACIA
PROJECTO

Planta Cota 09.60m . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

- 03 . Área Técnica
- 04 . Elevador
- 05 . Cafetaria
- 06 . I.S
- 09 . Galeria A
- 24 . Zona de Descanso
- 25 . Espelho de Água
- 26 . Banho Interior 32°C
- 27 . Banho Turco
- 28 . Sauna
- 29 . Escadas de Acesso ao Piso de Descanso
- 30 . Zona de Chuveiros
- 31 . Banho Exterior 36°C
- 32 . Banho Primavera 36°C
- 33 . Banho Verão 42°C
- 34 . Banho Inverno 14°C

ÁGUA . LUZ . BANHOS

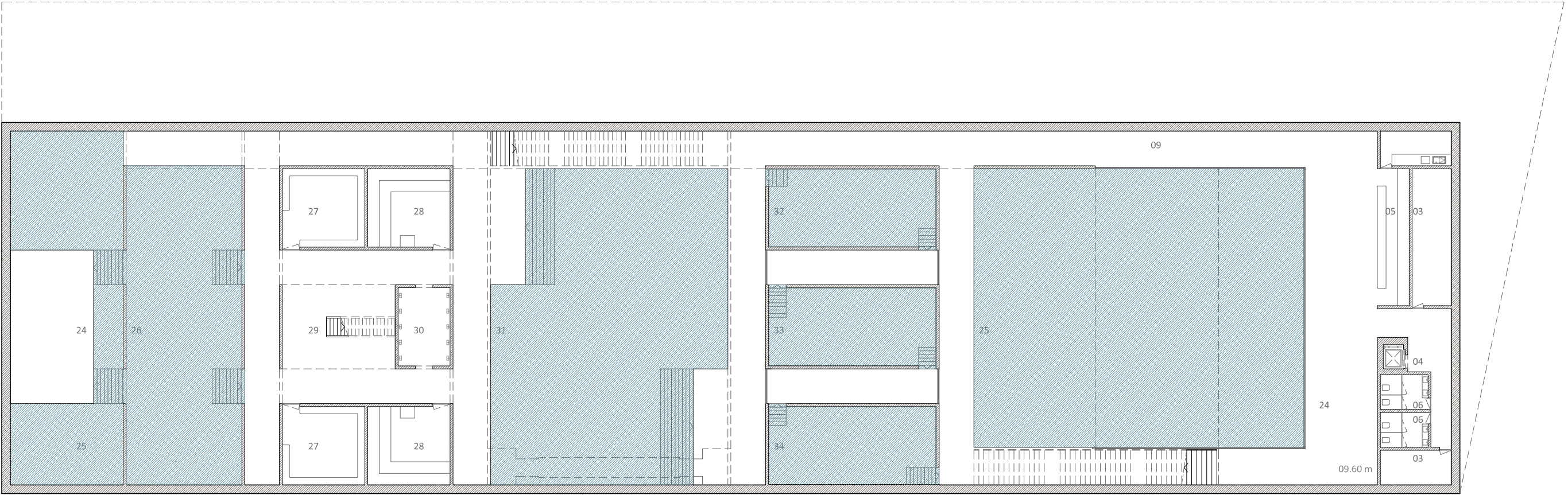
O piso inferior é constituído por uma sucessão de espaços onde a água está sempre presente, existindo quatro espaços principais: a piscina interior, a piscina exterior, os tanques e o espelho de água.

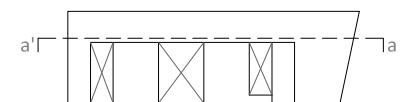
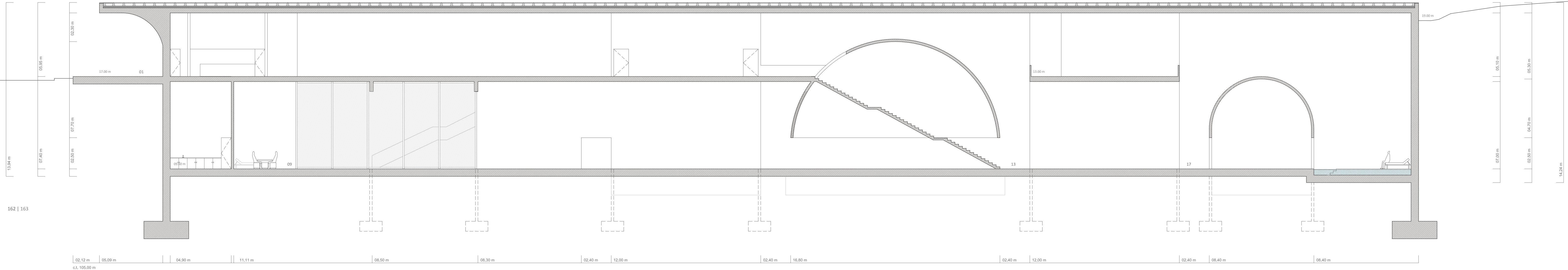
As suas piscinas representam elementos importantes do projecto, sendo espaços com cobertura abobada que evocam para espaços projectados pelos antepassados. Já os tanques são espaços mais pequenos, com diferentes temperaturas, que representam o Frigidarium (espaço de banho frio), Tepidarium (espaço de banho tépido) e Caldarium (espaço de banho quente). Esta divisão evoca o esquema clássico das termas romanas. Por fim, o espelho de água, de grande dimensão, pretende oferecer um momento de tranquilidade e descanso, podendo ser o fim ou o início do percurso (dependendo da direcção que cada um tome). Trata-se, pois, de um espaço que

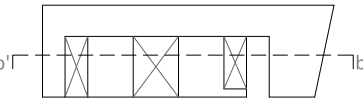
pretende servir para os visitantes repousarem após uma viagem repleta de estímulos e experiências.

As sensações visuais entre cada volume serão obtidas através de pequenas aberturas que permitam uma relação com o espaço total do edifício.

O que se pretende proporcionar é uma experiência única, composta por uma diversidade de sensações que variam consoante as condições climatéricas, e que se experimentam tanto através da relação do corpo com a água como através da luz natural que aqui se encontrará.







ESCALA . 1 : 150

19 . Zona de Descanso Exterior

A number line with markings at 0, 2, 5, 10, and 15 m. A bracket below the line spans from 2 to 5 and is labeled "3 m". Another bracket below the line spans from 10 to 15 and is labeled "5 m".

A experiência dos Banhos nas Termas pode revelar-se um momento único, à medida que o lugar condiciona fortemente tal vivência.

A cultura de um País e a sua localização determinam os seus hábitos, proporcionando por vez situações extremas, como se vê na imagem ao lado, fonte de água geotérmica, de origem vulcânica, em Grindavik a quarenta quilómetros de distância de Reykiavik, na Islândia, onde as temperaturas do ar variam ao longo do ano entre os -3º e 10 graus centígrados.

A intenção em Santa Catarina de Sítimos é exactamente recrear momentos de lazer que sejam característicos deste lugar.

Implantado numa estação arqueológica, o edifício dedica um espaço a recolha e catalogação dos achados, possibilitando que este importante trabalho seja partilhado com os utilizadores dos Banhos.

O edifício apresenta-se, na sua componente arqui-

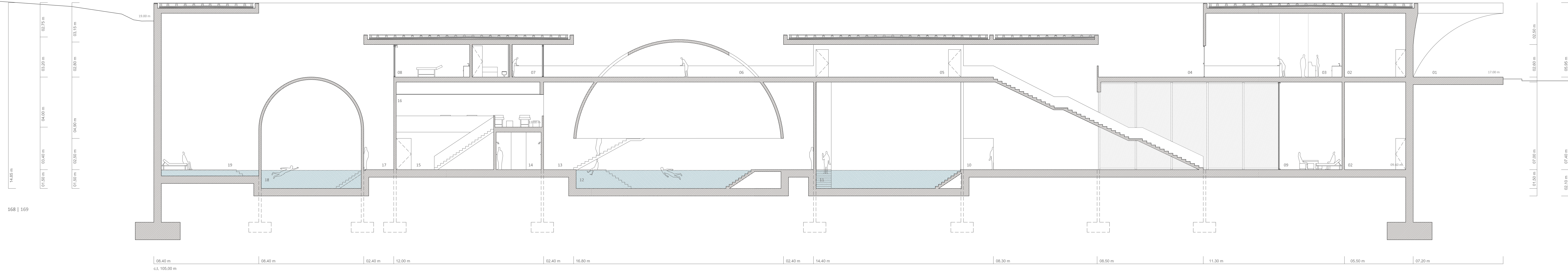
tectónica, através de uma sequência de diferentes espacialidades, luminosidades e temperaturas, na medida em que a sua permeabilidade com o exterior é uma componente fundamental.

O seu visitante é levado a percorrer o circuito completo, transformador para o seu corpo e a sua mente, com o intuito de revelar-se uma experiência diferente ao longo do ano.

Tudo isto, rende este lugar único.

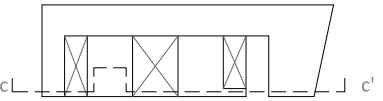
fig.117. Banhos Exteriores . Temperatura Média da Água 36ºC|39ºC . Temperatura Média Exterior: Janeiro: -3ºC - Agosto: 10ºC . Lagoa Azul . Islândia





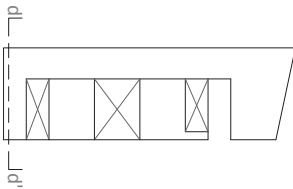
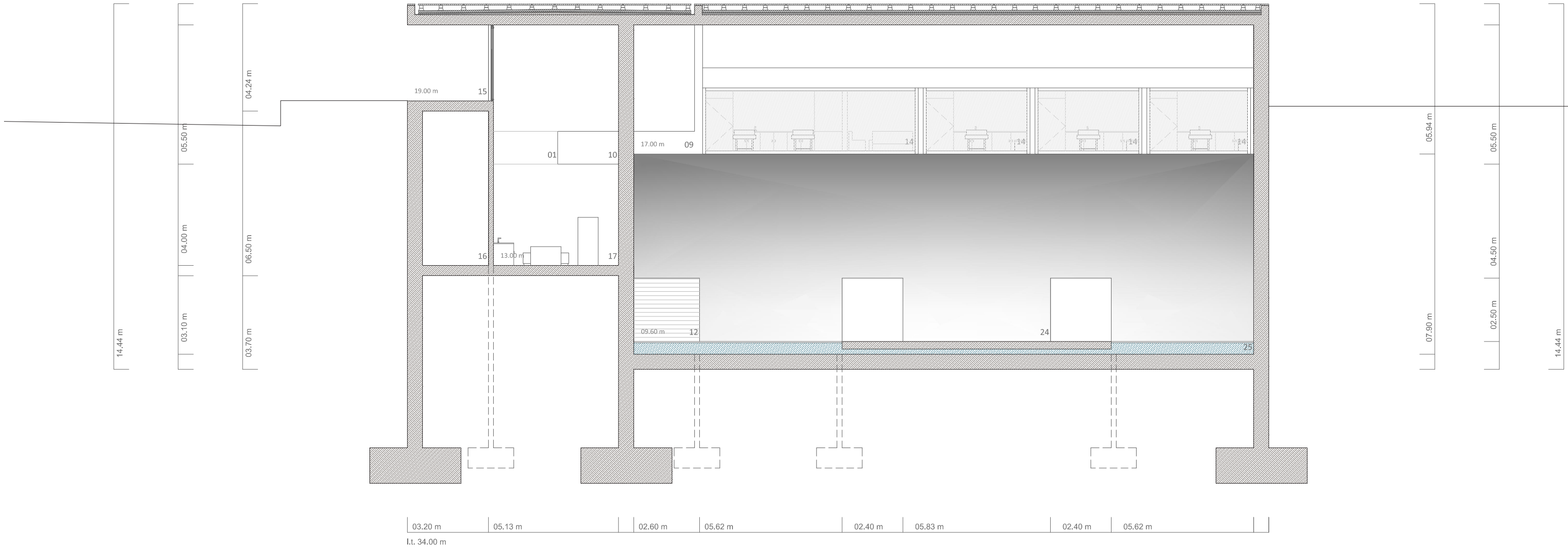
Corte Longitudinal cc' . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

- | | |
|--|---|
| 01 . Entrada Termas . Banhos de Salacia | 12 . Banho Exterior 36°C . Espaço Abobadado |
| 02 . Área Técnica | 13 . Escadas de acesso ao piso Térreo |
| 03 . Cafetaria | 14 . Zona de Chuveiros |
| 04 . Espaço Público | 15 . Zona de Distribuição: Banho Turco . Sauna . Chuveiros . Piso de Descanso |
| 05 . Balneários | 16 . Zona de Descanso Interior |
| 06 . Passerelle | 17 . Acesso Banho Interior |
| 07 . Zona de Circulação | 18 . Banho Interior 32°C |
| 08 . Zona de massagens | 19 . Zona de Descanso Exterior |
| 09 . Zona de Descanso | |
| 10 . Zona de Circulação . Relações: Espaço Publico . Espelho de água | |
| 11 . Banho Inverno 14°C | |



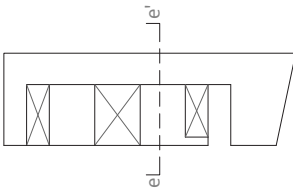
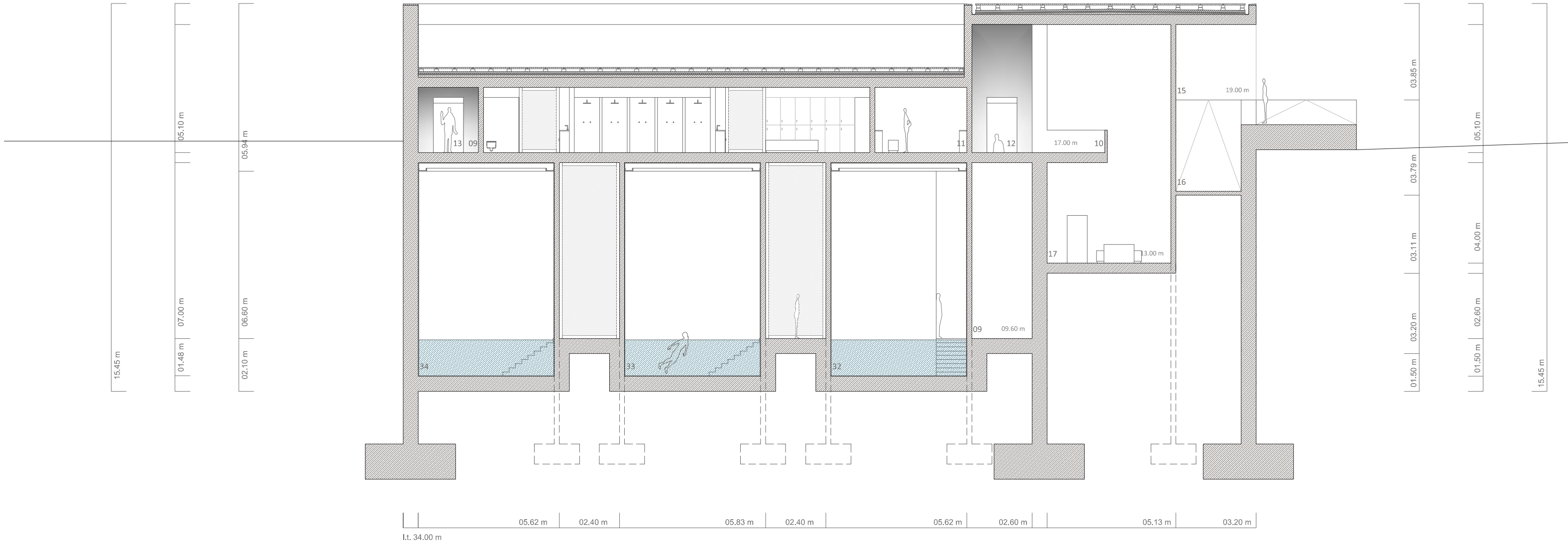
Corte Transversal dd' . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

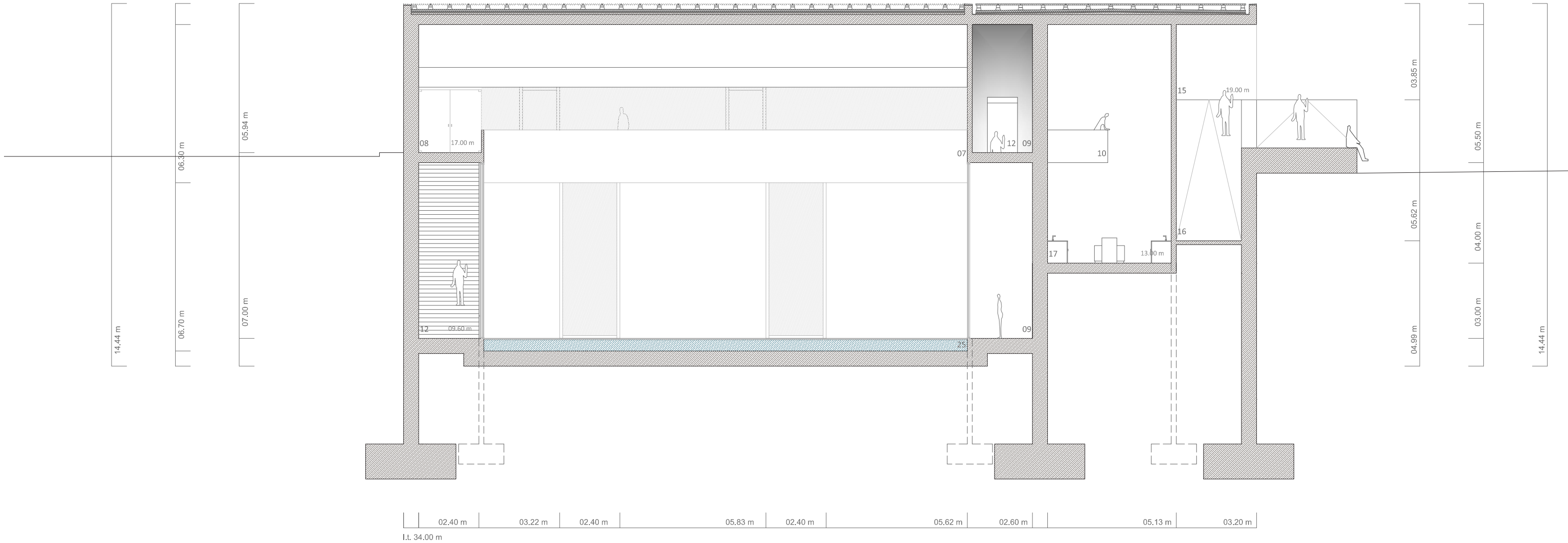
- 01 . Entrada Termas . Banhos de Salacia
- 09 . Galeria A
- 10 . Mezzanine
- 12 . Escadas de acesso ao piso inferior . Cota 09.60 m
- 14 . Zona de massagens
- 15 . Acesso repositório arqueológico . Cota 19.00 m
- 16 . Rampa de acesso ao repositório arqueológico
- 17 . Repositório arqueológico . Cota 13.00 m
- 24 . Zona de Descanso
- 25 . Espelho de Água



Corte Transversal ee' . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

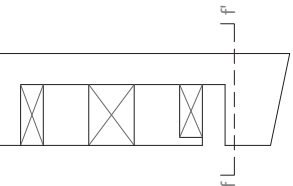
- 09 . Galeria A
- 10 . Mezzanine
- 11 . Balneários
- 12 . Escadas de acesso ao piso inferior . Cota 09.60 m
- 13 . Passerelle
- 15 . Acesso repositório arqueológico . Cota 19.00 m
- 16 . Rampa de acesso ao repositório arqueológico
- 17 . Repositório arqueológico . Cota 13.00 m
- 32 . Banho Primavera 36° C
- 33 . Banho Verão 42° C
- 34 . Banho Inverno 14° C





Corte Transversal ff' . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 150

- 07 . Espaço Público
- 08 . Entrada Cafeteria
- 09 . Galeria A
- 10 . Mezzanine
- 12 . Escadas de acesso ao piso Terreo
- 15 . Acesso repositório arqueológico . Cota 19.00 m
- 16 . Rampa de acesso ao repositório arqueológico
- 17 . Repositório arqueológico . Cota 13.00 m
- 25 . Espelho de Água

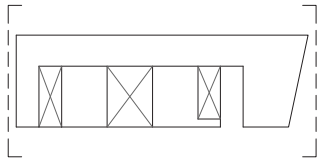
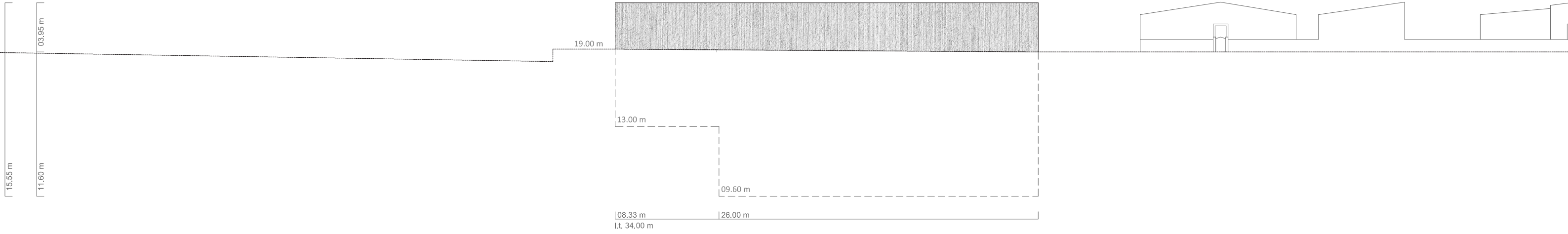
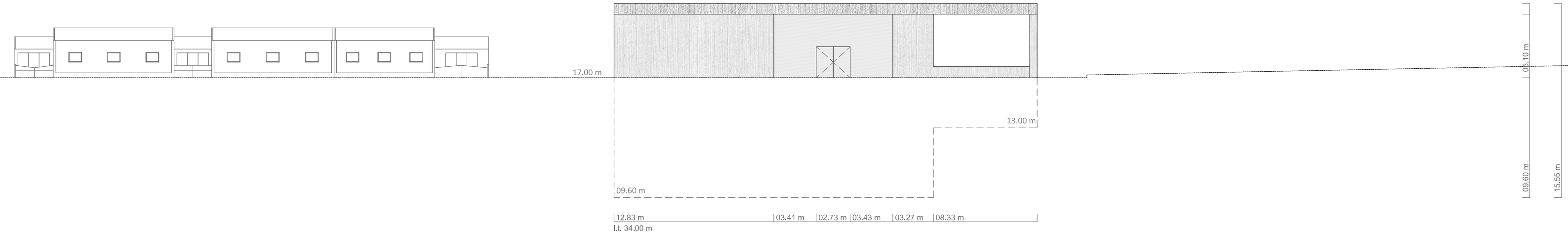


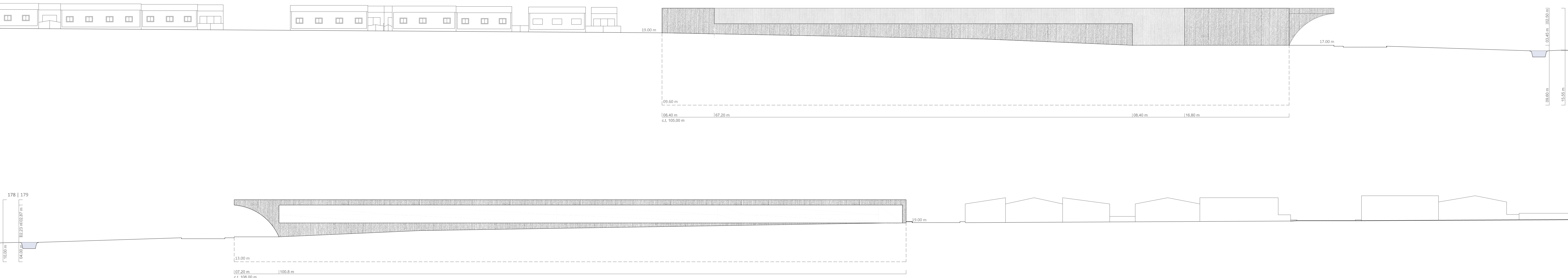
MATERIALIDADE BANHOS SALACIA
PROJECTO

As termas Banhos de Salacia rematam o quarteirão, passando a ser este o edifício público de chegada a Santa Catarina de Sítimos com mesma altura da sua envolvente. O edifício é encerrado para o exterior e com aberturas apenas para o interior, com excepção da entrada que fica voltada para a entrada viária. A entrada anuncia-se também por ser o único momento onde a ortogonalidade não está presente, aqui o espaço abobadado anuncia-se. O edifício é em betão branco com estereotomia de linhas verticais, betão, este que é estrutural e que está presente em todo o edifício.

Alçado Norte . Rua da Creche . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

Alçado Sul . Perpendicular 1º de Maio . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300





Alçado Este . Rua 1º de Maio . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

Alçado Oeste . Campo Arqueológico . Santa Catarina de Sítimos
ESCALA . 1 : 300

Como se pôde ver, a região de Alcácer do Sal apresenta um património bastante vasto, que alberga monumento da época fenícia, romana e árabe, entre outras. Unir os diversos locais abordados e contribuir para dar ao percurso um novo significado é um dos objectivos principais deste projecto que passa pela reactivação de um percurso pedonal já existente. Caminhar ao longo deste trajecto será sinónimo de entrar em contacto com uma realidade que vai sendo percepcionada e interpretada de acordo com a experiência individual de cada um. Unir o património histórico da região sem colocar em causa a paisagem natural da mesma é um dos principais objectivos deste projecto que procura revitalizar a região e fazer com que os seus monumentos sejam novamente apreciados e valorizados. Tanto o castelo como os vestígios fenícios, cada um deles representando um ponto particularmente importante

na história da região e remetendo para diferentes épocas, serão englobados num mesmo trajecto em que a beleza e o património de todo o concelho de Alcácer do Sal se tornarão evidente. Para além de todos estes monumentos, a Vila romana de Santa Catarina de Sítimos ganha, contudo, uma especial relevância, uma vez que, surgir precisamente no final do trajecto, como que transportará o visitante para um edifício termal construído num local em que as águas são abundantes, no qual este poderá experienciar uma nova forma de entrar em contacto com os recursos naturais que compõem esta região. Evocando, no culminar do percurso, os antigos costumes dos romanos, os banhos termais podem ser, assim, vistos como um dos pontos fundamentais deste trajecto e enriquecer ainda mais a experiência dos visitantes que chegaram a este local. Este projecto de revitalização patrimonial representa

CONCLUSÃO

uma contribuição para dar à região de Alcácer do Sal uma nova vitalidade sendo que o interesse por esta cidade tem vindo a perder-se nas últimas décadas.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVIC, Marina. The Artist is Present. New York : The Museum of Modern Art, 2010. 223 p. ISBN 978-0-87070-747-6

ANTEQUERA, Marino. L'Alhambra et Le Generalife. Granada : Miguel Sanchez, 1972. 81 p. ISBN 33513

ARQUITECTURA IBÉRICA: REABILITAÇÃO. Lisboa : Caleidoscópio, n.30, Fev. 2009.

AZEVEDO, Clara ; VASCONCELOS, Lucia. Termas portuguesas. Lisboa : Edições Inapa, 1995. 157 p. ISBN 972-9019-83-5

CAQUELIN, Anne. Paisagem e Virtual: dois mundos separados. in CARDOSO, Isabel Lopes. Paisagem e Património: Aproximações Pluridisciplinares. Porto : Dafne Editora, 2013. 247 p. ISBN 978-989-8217-27-1

CARDOSO, Isabel Lopes. Paisagem e Património: Aproximações Pluridisciplinares. Porto : Dafne Editora, 2013. 247 p. ISBN 978-989-8217-27-1

CARERI, Francesco. Walkscapes: Camminare come pratica estetica. Torino: Giulio Einaudi editore, 2006. 167 p. ISBN 978-88-06-18067-6

CARVALHO, António Rafael ; FARIA, João Carlos ; FERREIRA, Mari-sol Aires. Alcácer do Sal Islâmica. Arqueologia e História de uma Medina do Garb Al-andalus (Séculos VIII-XIII). Alcácer do Sal : Câmara Municipal de Alcácer do Sal, 2004. 96 p. D.L. 208135/04 COLLOT, Michel. A paisagem na arte moderna e contemporânea.

in CARDOSO, Isabel Lopes. Paisagem e Património: Aproximações Pluridisciplinares. Porto : Dafne Editora, 2013. 247 p. ISBN 978-989-8217-27-1

DE ALARCÃO, Jorge. Conimbriga o Chão Estudado. Funchal : Edicarte, Edições e Comércio de Arte, 2000. 143 p. ISBN 972-42-2102-4

DEANÕ, Nuria Martínez ; DELGADO, Paula ; LOPESINO, Hidalgo. A Alhambra. Espanha : Ediciones Aldeasa, 2007. 143 p. ISBN 978-84-8003-707-5

FARIA, João Carlos Lázaro. Alcácer do Sal ao Tempo dos Romanos. Lisboa : Colibri, 2002. 162 p. ISBN 972-772-337-3

FRACALOSI, Igor. Clássicos da Arquitetura: Termas de Vals / Peter Zumthor. [Em Linha]. [Consult. 22 Mai. 2016]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>>.

GIEDION, Siegfried. Mechanization Takes Command. New York : W.W. Norton & Company. INC, 1969. 723 p. ISBN 0-393-00489-9

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico da Região Alentejo. [Em Linha]. [Consult. 03 Jan. 2016]. Disponível em WWW:<URL: file:///C:/Users/Adriana/Downloads/tutorial%20completo_normas%20e%20estilos%20bibliogr%C3%A1ficos.pdf>. 511 p.

KOLIPOULOS, John S. ; VEREMIS, Thanos M.. Greece, The Mod-

ern Sequel: From 1831 to the Present. Londres : Hurst & Company, 2002. 407 p. ISBN 1-85065-462-X

LONG, Richard. Walking The Line. Londres: Thames & Hudson, 2005. 328 p. ISBN 978-050-0284-094

MAYET, Françoise ; DA SILVA, Carlos Tavares. Abul: Fenícios e Romanos no Vale do Sado. Setúbal: Museu da Arqueologia e Et-nografia do Distrito de Setúbal, 2005. 106 p. ISBN 972-9253-23-4

PEREIRA, Maria Teresa Lopes. Alcácer do Sal na Idade Média. Lisboa : Colibri, 2000. 320 p. ISBN 972-772-142-7

PESSOA, Fernando Santos. Gonçalo Ribeiro Telles: Fotobiografia. Lisboa : Argumentum, 2011. 157 p. ISBN 978-972-8479-74-9

RAMALHO, Margarida ; PAIXÃO, António Cavaleiro ; PIMENTEL, Di-ogo Lino ; CABRAL, Luís ; PIMENTEL, Madalena ; GOMES, Virgílio. Pousada D. Afonso II. Lisboa : ENATUR, 1998. 48 p. ISBN 972-964-726-7

RUDOFISKY, Bernard. Now I lay me down to eat. New York : Anchor Press, 1980. 191 p. ISBN 0-385-15716-9

ZUMTHOR, Peter. Peter Zumthor Works : Buildings and Projects, 1979-1997. Berlim : Birkhauser, 1998. 318 p. ISBN 081-7660-992